

Antonia Regina Bortotto

A large, spreading fig tree with dense green foliage is the central focus of the image. The tree has a thick, dark trunk and branches that spread out in all directions, creating a wide canopy. The leaves are a vibrant green, and the tree is set against a clear blue sky. In the foreground, there is a dirt path or field with some dry, brownish vegetation. In the background, there are rolling green hills and a few utility poles under a bright sky.

*Na
copa da
figueira
frondosa*

Tonha

Na copa da figueira frondosa

1ª Edição

Jaú
Antonia Regina Bortotto
2014

Autor

Antonia Regina Bortotto

Título Original

Na copa da figueira frondosa

Diagramação e Impressão

Publicolor Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Direitos da obra reservados ao Autor.

Bortotto, Antonia Regina

Na copa da figueira frondosa / Antonia Regina Bortotto. - Jahu:
Publicolor, 2015

Impresso no Brasil (maio-2015)

ISBN 978-85-917422-1-9

1. Teoria do conhecimento, causalidade e ser humano

CDD-917.422



Giri



Bela

Na copa da figueira frondosa



Cema



Mina

PREFÁCIO

Desde que ouvi de alguém que a energia sexual e a energia monetária estão intimamente relacionadas, travei em meu interior uma lida e para vencer as minhas indagações recorri à liberdade e embarquei em uma viagem sem fronteiras. Alcei voo rumo à compreensão. **Uma viagem com muitas escalas e conexões.**

No manifesto do desejo de emanar luz à humanidade, nasce a maneira de conduzir um trabalho, através dos quatro seres de espécies diferentes que estão se preparando para surgirem neste mundo, sendo: Bela, a futura libélula; Giri o sapo ainda girino; Cema, a Iracema e Mima, a vaquinha mimosa.

Não nos olvidemos de que:

A violência passou a fazer parte do nosso cotidiano. Não atentamos aos efeitos das mensagens subliminares e nos tornamos vulneráveis aos vícios sem darmos conta do nosso envolvimento no tráfico medonho ao conectarmos com os traficantes oportunos que invadem as nossas casas corrompendo nossos filhos e destruindo nossas famílias. Junto às drogas químicas vão os vícios mentais, ambos avassaladores.

Em busca da felicidade, jovens, na maioria, deixam-se conduzir pela ilusão e não resistem às ofertas tentadoras, embrenham-se no sofrimento e o mundo, impotente, não reage.

Ainda que passemos por um período turbulento, podemos perceber o movimento cíclico da natureza da qual somos parte e voltar às origens seria uma das formas de compreender a força que rege o Universo e de contribuir para alinhar o nível de ser ao nível de saber.

O homem, no seu período evolutivo, descobre fontes de riquezas naturais e, na busca do sustento e conforto, retira, por exemplo, o minério de ferro das jazidas e o processa transformando-o em materiais utilizáveis a inúmeros fins. A natureza, ao sentir a agressão provocada pelo homem, tenta volver o metal à origem, pelos seus agentes naturais, puindo-o pelo processo corrosivo.

Assim como, os agentes da natureza, através da corrosão, tentam devolver à terra o minério que o homem corrompeu ao seu prazer, têm **os anelantes à luz**, através da busca incessante, os desejos de volver ao homem a mente no seu estado de pureza.



DEDICATÓRIA

*Dedico esta obra
tão somente a você que a lê*

No recôndito paradisíaco, entre montes formados e florestas altaneiras, lá no grotão, o sol chega ralo e ávido para aquecer a bromélia que protege, aos seus pés, um minúsculo cisco que o astro já reconhece como um ser vivente. Não longe dali, ao pé do monte, a água límpida rebenta a rocha e traz à terra um rio abastado e provedor que seguirá no borbulho o seu destino traçado. Em uma das tocas por entre as pedras, às margens, guarneçada pelas folhagens, abriga-se um ser de outra espécie. Lá no banhado, no curral da fazenda, a prenha aquieta-se e, mais adiante, numa das casas da colônia, a mulher grávida está a cantarolar.

Manhã de verão. A figueira frondosa, enaltecida pela sua exuberância e por comportar tantos pássaros que entoam seus mais belos cantos ao raiar de mais um dia, recebe, em sua copa, energias harmoniosas. Cortejos saltitantes abrilhantam a interação dos seres embrionários que circundam por ali e o entendimento flui entre eles. Há um vínculo que os mantêm em uma única fonte, cada um com sua identidade. Reconhecidos energeticamente, prazerosos, cumprimentam-se.

Na descontraída interação, apresentam-se como: Bela, o cisco que a bromélia protege; Giri Cururu, o ser da toca ainda girino; Mima, o ser da vacinha prenha e Cema, o ser da mulher grávida. O fato de não terem ainda vindo à luz permite-lhes, como energia, acessarem locais e situações adversas. Embora não estejam fisicamente prontos, têm, no plano energético, suas formas e espécies definidas com as quais irão atuar no mundo tridimensional. E assim, identificados e conscientes, no âmago de suas vontades, detectam o desejo comum de ajudarem a espécie representada, no grupo, por Cema.

Após diálogos e estudos, optam pelos métodos apresentados pelos seres, Giri e Bela, que se desenvolvem no meio aquático, por ser inerente aos dois o conhecimento de trazer à tona o que subjaz nas profundezas, permitindo a leitura dos mais irregulares leitões. Destemidos, os quatro aventureiros ousam, no mundo energético, conter as turbulências do **envolvente rio**, cujas águas encontram-se poluídas e barrentas, tendo esses seres que vencer obstáculos na realização desse árduo trabalho de revelar possíveis falhas responsáveis por engendrar a inconsciência, que, através **desse rio**, arrasta todos ao caos.

Bela, Giri, Mima e Cema, imbuídos nas suas responsabilidades, sem perderem a magia do plano energético, cientes das suas incumbências e respeitando os limites de cada espécie, decidem, neste primeiro estágio, sair para coletar dados e definem a figueira frondosa como o local descontraído para reuniões e aconchego.

Em meio às decisões, Giri questionou sobre a drástica poluição no meio em que irá viver, querendo atenção para o seu futuro habitat, mas foi logo advertido por Mima que não se absteve de abordar sobre o egoísmo. Atentos, os radares de Bela detectam o vacilo de Giri e sabendo que todos são passíveis de se corromperem em suas propostas, com ternas farpas, norteia-o:

-Cururu, cururu!, se “a Cema” despertar consciência, todos os reinos ganharão com isso. Portanto, não desvie o foco das atenções; não saiamos da linha investigativa.

Aparadas as arestas, põem-se numa descontraída conversa de teor familiar. Naquela noite à dentro, aflora um suave saudosismo e todos falam um pouco de suas origens:

Mima, de poucas palavras, desabafa e fala de suas tristezas, referindo-se ao destino do pai, levado ao abate pela inconsciência humana. Sentindo a responsabilidade, Cema, em profunda emoção, lamenta com pesar e, como quem roga piedade à sua espécie, conforta Mima e manifesta indignação e desejos de mudanças.

Cema se mostra preocupada com o estado de saúde de sua mãe que não poderia ter se arriscado a mais uma gravidez, visto que, teve grandes complicações no parto de seu irmão que tem apenas três anos.

Giri Cururu não economiza palavras para falar de seus pais. Tem pela sua mãe uma profunda admiração; e o pai, para ele, é o modelo a ser seguido. Fala da entrega mútua do amor, quando da sua concepção, que o envolveu de tal forma a ponto de sentir-se protegido e forte para enfrentar a luta que terá pela sua sobrevivência. Foi um ritual místico, diz ele, na aromática relva à beira do lago que mais parecia um avental cheio de estrelas. Giri traz na memória os registros do despertar de sua existência; sob os flashes da lua, os coxares pareciam mantras invocando os seres divinos que se acercavam deles para contemplar aquela magia.

Nesse manjar de palavras, Bela externa sua gratidão por integrar-se a tão afáveis vibrações e faz uma exposição, tendenciosa, sobre sua natureza conduzindo-os à agilidade; explica que: assim como foi a sua concepção, com ela, tudo tem que ser muito rápido, apesar do seu tempo de desenvolvimento, como ninfa, ser maior que o tempo que terá como libélula, mas, tem que equacionar ao tempo de encubação de Giri que é bem curto e, pedindo ajuda para que ela consiga realizar seu trabalho em tempo hábil, diz:

-Urge iniciarmos nossos trabalhos amanhã, logo ao amanhecer.

Recolhidos no silêncio providencial, cada um a seu modo, absteve-se de quaisquer vibrações para estar apto e atento no planejado dia prestes a raiar.

No transcurso da noite, a natureza contribui para compor o quadro harmonioso; a leve brisa toca a figueira e algumas folhas caem suavemente; ao longe ouvem-se sons espaçados de grilos; a madrugada se despede e a lua sai sorrateira; os pássaros, com seus gorjeios, anunciam o reverso da noite.

Antes de clarear o dia, Bela e Giri já estavam despertos e saíram juntos caminhando, sentindo o sereno, o cheiro do cafezal, conversando até o ponto em que se despedem, desejando, um ao outro, boa sorte. Bela voa rumo norte enquanto que Giri segue o carreador até perderem-se de vista.

Da copa da figueira, Cema observa os dois seres caminhando e, surpresa, visto que se achava imune aos vírus psicológicos, pega no flagra uma pontinha de ciúmes instalando-se em sua psique; de imediato, com o látigo da compreensão, não permitindo alteração em sua frequência, trata de transformar o incômodo ciúme em admiração pelos amigos e julgando tê-lo vencido, deixa Mima que está no ápice do repouso e sai. Sem duvidar de suas intuições, segue como quem vai a esmo, mas sabendo que está sendo conduzida.

Incomodada pela quentura do sol, Mima desperta tardiamente; olha de um lado para o outro e ao perceber que está só, coloca-se em posição de sentido, bufa e pergunta ao vento:

-Onde estão todos? E resmunga consigo mesma: bem, eu vaguei pela noite e demorei pra aquietar-me, por isso, perdi hora. Mima trava um diálogo consigo mesma: -Quer saber de uma coisa? Vou ficar aqui pelas imediações. Não vou buscar longe o que pode estar tão perto de mim. Vou andar pelo banhado, ir à casa dos pais da Cema, observar os colonos... sei que o trabalho é particular e o que temos são colaboradores. Cada um deve ter ido pra uma

banda. Não é que esteja reclamando; é que não nos despedimos. “Mima, Mima, não seja tão pegajosa; sai desse apego minha querida, arregace as mangas e vá à luta. Acredite. Você é capaz”.

Decidida, vai a campo iniciar seu trabalho.

Na ausência dos seres, o astro rei, humilde e soberano, autêntico professor, com sua presença natural, além de dar condições para que haja vida na terra, ensina, com sua entrega, sobre o amor incondicional; energiza e purifica todo ambiente, permeando, pelo campo e figueira, o prana, energia vital aos seres viventes. Como quem prepara a mesa para receber a colheita, o astro condiciona o espaço para a volta dos bravos aventureiros.

Mima saiu à vontade e não pressionada pelo tempo. No curral da fazenda, sente-se no colo interior de sua mãe que a tem com carinho e como quem recebe as bênçãos antes de seguir para o trabalho, num misto de ternura e responsabilidade, inicia sua tarefa com esmero, dando o melhor de si. De início, observa bem os colonos, o patrão e o comportamento esquivo de um dos cães da fazenda.

Caminhando ao redor do pequeno lago, Mima chega bem perto de dois garotos que estão pescando e assiste aos procedimentos daquilo que chamam de uma boa pescaria: a isca, o arremesso do anzol, ares de felicidade e o choro do mandí. Desolada, sente-se impotente ante o sofrimento do peixe e fica imaginando sendo puxada por uma linha de nylon com um anzol enroscado em sua boca. Para sair desse drama, vai até o pomar, se delicia com saborosas frutas e contempla as flores e borboletas; passeando pelo jardim da casa dos patrões, procura aliviar suas tensões e dar continuidade ao trabalho de observação.

Na sede da fazenda, onde mora o patrão com sua esposa, Mima fica atenta à família de empregados: a mulher é a cozinheira, o marido o jardineiro e a filha é quem limpa e organiza a casa; tem também o moleque, um dos que estavam na pescaria. Todos moram nos fundos em uma acomodação para empregados. São serviçais antigos e de extrema confiança dos patrões. A filha tem dezesseis anos e, quando foi morar na fazenda, tinha apenas seis. Os fazendeiros têm um casal de filhos que estudam fora do país. Mima sente que tem algo estranho no comportamento da jovem, filha do casal de empregados, e resolve monitorá-la, se bem que percebe que o clima por ali não é dos melhores.

Normalmente é a jovem quem serve o jantar e, como de costume, observa atentamente os olhares do fazendeiro e seus sinais sutis e insinuantes aos quais se rende e, ao pestanejar, responde como resposta afirmativa. O zeloso marido, fazendeiro, é quem dá os remédios para sua esposa, não se esquecendo do calmante que a mantém no sono profundo. Na calada da noite, a jovem quase que em levitação, vai até o celeiro e no pelego macio aguarda seu amante e patrão que não a deixa esperar por muito tempo.

Mima como uma analista observa a manifestação da ardorosa luxúria ao envolver os incautos às suas artimanhas.

Sedentos, cheios de juras e promessas desperdiçam suas energias, levados, tão somente, pelos prazeres do sexo.

No dia seguinte, agem naturalmente como se nada tivesse acontecido. O marido, antes de sair, beija a face da esposa transmitindo-lhe fidelidade e a jovem, sem dramas de consciência, leve como um pássaro serve o café da manhã à patroa que esboça gratidão à amável dedicação.

Inconformada com o que presenciou, Mima sai e caminha em direção à casa da colônia onde residem os pais de Cema no intuito de emanar energias positivas à mãe, pois, sabe que ela não anda nada bem de saúde. Mima observa o pai de Cema vindo para o almoço. Caminha a passos lentos como quem não tem pressa de chegar. Assim que ele adentra em sua casa, a mãe, dona Odila, de pronto, pega o chapéu do marido e o pendura no porta-chapéus, prepara a jarra com água, bacia e toalha para ele lavar as mãos; em seguida, serve a refeição e o suco na mesa, do jeito que ele gosta. A criança já entende e fica no quarto sem fazer barulho até que o pai acabe de almoçar. Terminado o almoço, ele vai até a varanda e tira um cochilo, em seguida, mãe e filho fazem a refeição no maior silêncio, evitando o máximo aborrecê-lo. A última vez que ele, pai, ficou contrariado, voaram pratos pra todos os lados. Mima torcia pra que tudo desse certo. Não queria ver cenas constrangedoras, ao contrário, pensava na amiga e gostaria de alegrá-la com boas notícias.

Era véspera de feriado, Mima ouviu um zunzum entre os colonos que haveria, no dia seguinte, uma partida de futebol entre o time dali contra o da fazenda vizinha. Mima pensou em aproveitar o momento de descontração e fazer sua última coleta de dados, dando por encerrada essa primeira etapa do seu trabalho.

Dia e hora do jogo, Mima instalou-se bem no meio dos torcedores e o ponto não poderia ser mais estratégico. Foi um festival dos mais densos verbos conjugados na terceira pessoa e em vários tempos e com regras de concordância reprováveis por qualquer colegial.

Mima ficou desolada ao ouvir e assistir tantas ofensas proferidas sem eira e nem beira. Todos: jogadores, torcedores, juiz, bandeirinhas, em fim, não escapou um sequer à inconsciência.

Terminada a partida, empatada zero x zero, a maior parte dos homens foi ao bar, perto dali, para extravasar suas tensões e beber tudo que julgava ter direito. Mima não quis entrar naquele ambiente de algazarra, preferiu observar à distância. O que mais lhe chamava atenção, naquele momento, era o comportamento do pai da Cema, que parecia ser o dono do espaço, comportando-se como um tolo, pagando rodadas de cerveja aos amigos que bebiam e riam de graça. Esvaídas suas energias, **o garganta** volta cambaleando para casa e, ao chegar, vai direto para cama e não percebe que sua esposa não estava. Um vizinho que, por sorte, não havia ido ao jogo, ouvindo os chamados, socorreu-a e levou-a para o hospital da cidade vizinha. Ante a situação, Mima resolve aguardar para ter notícias enquanto vibra pra que tudo termine bem com a mãe da sua amiga Cema.

No dia seguinte, de ressaca, **o santo** toma conhecimento do ocorrido e aguarda a esposa que não tarda a chegar. De volta, a submissa mulher comenta apenas que o médico lhe recomendou repouso absoluto.

Apenas comenta.

Mima, mais uma vez, sente-se impotente ante as situações tão complicadas nas quais se enfonham os seres humanos e, nessa manhã, anseia por voltar na esperança de achar soluções em conjunto com seus amigos, mal sabendo dos labirintos em que cada um entrou. Regressa, após três dias de dura jornada, mas antes, dá uma passada pelo curral e deleita-se com os carinhos de sua mamãe; abastecida de amor materno, segue à figueira frondosa.

Pelo caminho vai concatenando as ideias e imaginando como será o trabalho em grupo e nessa de tentar achar solução, de longe, avista um vulto, recostado à figueira e, à medida que vai se aproximando, percebe que é Giri quem está por ali e, ao chegar perto, vê que o amigo encontra-se como quem

está desmaiado. Imaginando o tamanho da canseira, deixa-o e também se acomoda para descansar.

O alento emanado pela figueira envolve os dois seres e restaura suas energias. Após o breve relaxamento, cumprimentam-se ao mesmo tempo que observam a natureza. Abordam vários assuntos e reservam os relatos para quando estiverem todos juntos.

Giri sorri ao avistar Cema quase que tocando o horizonte e comenta com Mima.

- Lá vem a Cema, deve estar num prego!

Mima murmura:

-Não sei, não; acho que ela não vem sozinha.

De fato, Cema está na companhia de Bela e as duas, conversando, vencem a distância.

Prestativos, Giri e Mima aromatizam o ambiente para receber as duas amigas.

Sol a pino, todos se expressaram sobre a vontade comum de estarem juntos novamente. Bela dispôs a tarde toda para o descanso e sugeriu a reunião para as 20:00h. Aceitaram.

Com a tarde livre, intuitivamente, todos visitaram seus berçários buscando vigor em suas essências.

Bela agradece à bromélia pela proteção e pelo frescor que a ela despende.

Giri vivifica a sua transformação, guardando em seu interior a experiência de perder para vir a ser.

Mima, pegajosa com a mamãe, emana o mais doce carinho recebido e Cema compreende, no colo amado, o futuro ausente.

No cair da noite, todos estão dispostos a iniciarem seus relatos.

Naturalmente, sentam-se em círculo, levados pelo conhecimento sobre o vórtice de energia, necessária à compreensão, que se forma na base do cone e, em espiral, eleva-se ao vértice.

Esgotada a conversa sobre o entretenimento da tarde, aos poucos, foram

aquietando-se e prevaleciam os sons da natureza. Envolvidos nesse silêncio, entregam-se à compreensão.

Sem ostentar liderança, nesta primeira etapa, Bela conduz o trabalho.

Antes de iniciar, Bela relembra as propostas aceitas no primeiro encontro. Todos tinham ciência das dificuldades que iriam enfrentar e que estavam dispostos a se doarem por amor à humanidade. Bela alerta que identificar-se com alguma situação encontrada pode vir a turvar e camuflar algo relevante à análise, portanto, para o bom andamento do trabalho é fundamental não agir com o emocional. Com essas considerações pede à Mima que proceda o seu relato.

Mima compartilha suas experiências sem cogitar o porquê de as ter buscado ali na fazenda. Procura relatar minuciosamente tudo que observou em função do trabalho em grupo.

De início, Cema teve que controlar suas emoções até ter o domínio para ouvir os relatos de Mima como se não fizesse parte daquele quadro.

Giri, por várias vezes, conteve suas indignações.

Sem se aperceber, ao dar ênfase e detalhar algumas situações, Mima deixava transparecer o seu julgamento, condenação e pena aos que, a seu ver, não passavam de delinquentes, ao tempo que respondia ao questionamento de Bela sobre fatos que ela, Mima, julgava irrelevantes.

Bela insistia em fazer com que Mima se lembrasse de certos detalhes, como por exemplo, sobre o comportamento do cão quando lhe pareceu esquivo, até que Mima, ao voltar à cena, relata a todos sobre o desespero do cão toda vez que os dois meninos, da pescaria, se aproximavam dele. Ao atinar que tal cena não condizia com o instinto de um cão em relação ao homem, em plena tristeza, declarou-se imatura ao trabalho, ao tempo que Bela conduz à reflexão.

As indagações proferidas por Bela levam Mima, Giri e Cema à compreensão.

Finalizados os relatos de Mima, Bela começa a tecer, com as tramas existentes, parte do trabalho ao qual se propuseram.

Nos relatos de Mima, Bela detinha-se no que estava além das cenas descritas e instigava todos à reflexão dizendo:

-Vamos acreditar que quando somos sinceros em nossas propostas, nada poderá dar errado. De antemão quero deixar claro que, quando me dirigir a vocês ou a algum de vocês é a mim que também estou me referindo, portanto, igualo-me a todos ao me considerar, também, aprendiz.

-Vejam os registros abordados e o que pode significar a partida de futebol que se deu antes que Mima encerrasse suas atividades.

-Sabemos que, para o trabalho interior, os acontecimentos são meras justificativas no plano físico. Vamos juntos extrair um ensinamento daquilo que nos aparenta ser real. Espero que todos opinem, para que tenhamos uma abrangência maior.

Mima, como participante nos acontecimentos, falou da sensação de estar por entre os torcedores, e que às vezes sentiu-se como quem estivesse em uma arena, entre animais, na ferra do boi, de onde visualizava os jogadores e o mundo rolando aos seus pés. Mima, da arquibancada, tentava interpretar as figuras geométricas, imaginárias, traçadas no decorrer do jogo: o formato do campo, a bola riscando, as posições dos jogadores e dos demais integrantes. Diz que, num vacilo de sua mente, desprende-se dali e subiu alto, muito alto, e numa posição mais cômoda assistiu o desenrolar do espetáculo.

Giri, com a palavra, conta que, em algumas vezes, ao desdobrar-se e sair para escolher os possíveis locais onde gostaria de viver, assistiu a várias partidas de campeonato amador e, ali pelas várzeas, aprendeu, com tudo, algumas regras de futebol mas, havia nele uma tendência de transportar o que assistia para outros campos e relacionar o jogo à vida. Insistia em dizer que as leis cabem a todas as espécies. Como o direcionamento do trabalho é específico, Giri busca relacionar a atuação dos jogadores, segundo suas posições, ao comportamento humano no que tange o trabalho de lapidação interior e luta para vencer os defeitos psicológicos. Enfatiza que, às vezes, temos que ter a calma de um goleiro e, como tal, ser confiante, ágil e ter boa visão, sabendo que as falhas implicam em perdas.

Quando fala sobre os laterais que trabalham na ofensiva ou defensiva e onde predomina a rapidez e a função de desarmar o adversário com marcações acirradas, por vezes agressivas, é claro que continua se referindo aos defeitos psicológicos.

Giri deu um show de bola. Sempre voltado ao trabalho interior, compa-

rando a partida de futebol à luta para vencer os elementos inumanos, aponta as necessidades de: saber driblar; ter chutes fortes (não vacilar no trabalho); ter técnicas e ordens, tudo para chegar próximo ao gol do time adversário, cada um dentro de sua proposta. Termina com a pergunta cuja resposta está no silêncio:

-Chute a gol, quem comemora?

Após um breve silêncio, inspirada pelas palavras de Giri e motivada pelos registros de Mima, Bela tece seus comentários sobre uma partida de futebol, vista por um outro ângulo. Uma forma de ensinar que às vezes precisamos perder para ganhar e que qualquer que seja a competição, se for lícita ou natural, os dois lados têm motivos para comemorar. “Ter na derrota a compreensão que ela é uma face da vitória, tirando do que parece ser ruim algo de bom, é ser, também, um vencedor, pois, na maratona da vida estamos sujeitos a qualquer resultado”.

Bela comenta que:

-O universo se expande pelo processo competitivo. Ao ocupar um espaço, aparentemente vazio, está implícita uma competição.

-Desde os tempos remotos são cíclicas as representações marcantes da competição.

-Em escala, as graduações das lutas se dão por modalidades. Vir à luz é uma das mais acirradas. Os “atletas” têm que primeiro vencer a força do meio aquoso para chegar ao “lago sagrado”. Nele, o vencedor se prepara para receber o maior dos prêmios: a Centelha Divina e, com ela, entrar no cenário do incessante campeonato. Com honradez carregar a responsabilidade do título (vida) que, certamente, foi instituído, simbolicamente, pelas duas mãos: esquerda x direita, representando os dois lados de uma competição, nitidamente expressos em tudo que há: positivo x negativo; côncavo x convexo; masculino x feminino; bem x mal, e assim vai...

-Breves reflexões nos levam a essa aceitação: “o que seria da riqueza se não houvesse a pobreza”; “os dois lados de uma mesma moeda”; “as duas faces da lua”, etc.

-Para vencerem as competições, homens e mulheres, desde as origens aprendem com os mais variados meios; na natureza, podem observar a lisura

que permeia as competições; nos rios, o espetáculo das piracemas é um convite à luta; na mitologia grega, entre os Deuses Olímpicos que vivem no monte Olimpo, destaca-se Apolo, protetor dos atletas, com sua coroa de louros simbolizando vitória, conduzem-nos para a mais árdua olimpíada, “a olimpíada interior”. Ainda na saga, reanimados pelo fogo celeste, fonte de toda inteligência, roubado por Prometeu para trazê-lo aos homens e por isso, cruelmente castigado por Zeus. O aprendizado é exibido na condução da tocha olímpica e na coroa de louros que consagraram e ainda consagram incontáveis atletas nas mais diversas modalidades.

-Então, seja qual for a competição, desde que lícita, às vezes, temos que perder para ganhar, porque somos meras incógnitas nesse processo competitivo.

Em seguida, Bela convida todos a um delicioso chá com pétalas de rosas, um espaço de tempo para descontração e estar atentos às considerações de Cema.

De volta, Bela pede à amiga, Cema, para que teça seus comentários ante tudo que foi exposto.

Cema tenta deixar de lado suas emoções e limita-se a interpretar a partida de futebol segundo os relatos de Mima. Entende que o lar, a família, é o seu primeiro ginásio psicológico e, sendo na fazenda, deverá aprender com o que ela proporciona. Salienta que, outrora, já havia se sentido como uma peça de xadrez movida por uma lei maior; nunca imaginou, porém, aprender com uma partida de futebol, e, através das regras do jogo, vencer seus defeitos psicológicos. Cema confessa ainda que, na explanação de Giri, foi imensa a vontade que sentiu de vencer e psicologicamente considera-se uma atleta determinada à vitória, e que, às vezes, vê-se na função de um bandeirinha, marcando com rigor os limites de si mesma para não cometer faltas e sofrer penalidades.

No momento propício, quase que esvaídas as considerações do grupo, Bela, supondo que todos estão em igualdade de compreensão, dispensa explicações elementares e parte para a psicologia prática e fundamental.

Após alguns minutos de silêncio, Bela retoma:

-Ao invés de nos sentirmos privilegiados pelas nossas condições de acesso e preparados para interagir energeticamente, potencializemos nossas responsabilidades no que tange ao nosso propósito e estejamos abertos ao processo de conscientização.

-Vejam que Mima, sem se programar, deixa-se levar e não duvida de suas intuições. “Não duvidar de nossas intuições” é o que devemos fazer sempre que tivermos a certeza que há sinceridade em nossas propostas. A atitude de Mima nos possibilitou um início esplendoroso. Acertadamente iniciou seu trabalho aqui pelas redondezas, pois, foi aqui que nós todos nos encontramos pela primeira vez.

-Devemos extrair com sabedoria os ensinamentos em que uma situação, rotulada problema, nos apresenta e não nos abalarmos com possíveis revelações.

-Voltemos à partida de futebol.

-Existem incontáveis pontos que tangenciam uma circunferência e todos distam igualmente do centro. Está certo que todos vocês abordaram a partida de futebol sob o prisma dos defeitos psicológicos e presos ao relato de Mima. Ao nos acercarmos dos ocorridos, instiguemos nossas visões para outros ângulos.

-Se no decurso de um trabalho, algo nos prende a atenção, como ocorreu com a partida de futebol, é para estarmos atentos nas especulações. O mesmo procedimento deveremos ter se ocorrer de, em algum momento, depararmos-nos com uma situação ruim. Saibamos que às vezes o problema real é “outra coisa” e não aquele tido como ruim. O que cabe é o valor de nos enfrentarmos.

-A raia da busca é infinita. A compreensão chega a cada um a seu ponto; portanto, vamos interpretar o futebol segundo as abordagens de Mima e saber que a fazenda foi apenas um ponto enfocado e que a inconsciência que contaminou a terra causa tristeza a todo ser.

Bela continua:

-Em silêncio, vamos nos deter na reflexão que brota do nosso interior sem eximir quem quer que seja dos efeitos da lei da ação e reação. Na casa da fazenda: a moça, o pelego e o patrão; na casa da Cema: a tristeza da mãe e a debilidade do pai; e mais: os meninos e o cão, o enrosco do anzol; a prenha, no seu ninar dorido, sente que há interesses pela ordenha; traçado no campo: o destino e a sorte e a esfera rolando. Ninguém sofre por sofrer; no bar, não importa o resultado, tudo é festa; falsa alegria...

Deu-se um tempo suficiente para um cochilo. Após um espreguiçamento e degustações de frutas silvestres providenciadas por Mima, todos atentos se voltam quando Bela diz:

-Continuando, vamos aos relatos de Cema.

Cema entende o porquê de ser a próxima a relatar. Percebe a preocupação de todos, visto que, algumas vezes, durante os relatos de Mima, não conseguiu administrar sua inquietude.

Detalha sua saída da copa da figueira e diz que, a princípio, sentiu-se como quem estivesse perdida tentando se encontrar. Teve vontade de acordar Mima para ter companhia e obter alguma orientação, mas, em seguida, ao refletir que cada um tem que fazer seu próprio trabalho, entregou-se à sorte. Durante sua caminhada, distraída, observando o plantio, viu-se à beira de um riacho que divide as terras com outra fazenda e, ao contemplá-lo, cedeu aos desejos de tocar suas águas e nele brincou como criança inocente. Enquanto brincava, ao ser tomada por um vislumbre, entendeu de onde vinha o carisma que Giri e Bela emanavam e em pleno ato de contrição entregou-se ao batismo ao qual acreditou que fora conduzida, tanto que, em plena celebração, sentiu-se apadrinhada pelo casal carismático, Giri e Bela, companheiros da empreitada. Ao sair das águas, ainda na beira do riacho, ao abaixar-se para apanhar uma pedrinha que reluzia entre os pedregulhos, teve a sensação de estar sendo orientada a carregá-la como um símbolo do seu batismo e que a mostrasse aos companheiros como uma profissão de fé. Ao exibi-la declarou a todos que se sentia feliz com o que lhe havia acontecido.

Cema relata ainda que:

Fora dos limites da fazenda, esteve em um vilarejo e nele achou a população calma e o lugar tranquilo pra se viver; sem ter algo que prendesse sua atenção, pegou um ônibus e buscou situações para o seu trabalho em uma cidade vizinha.

Nela chegando, assentou-se em um banco de uma pequena praça defronte a um colégio. Estava quase na hora da saída dos alunos.

Enquanto apreciava o movimento, passou por ela uma garota, mochila nas costas, devendo ter uns nove anos. Por ter-lhe chamado a atenção, resolveu acompanhá-la.

Cema prossegue em seu relato:

A casa da garota era bem longe do colégio, por isso, tiveram que andar muito e fizeram todo percurso a pé. No caminho, a garota se junta a uma amiguinha de classe, vizinha, com a qual foi conversando. Uma conversa nada comprometedora. Ao chegar ao portão, a colegial despede-se da amiguinha e quando entra em sua casa, percebe que sua mãe, conhecida como Nina, está pronta para sair.

Alegando que não iria demorar-se, Nina, antes de sair, diz para a filha cuidar do irmão menor, de sete anos.

Cema, em seu relato, diz ter percebido que Nina já havia combinado com Ana, sua amiga e vizinha, para que a mesma cuidasse dos seus filhos durante sua ausência, visto que, ao sair, trocaram rápidas palavras de recomendações. Cema diz que resolve seguir Nina.

Relata que, durante o trajeto, Nina encontra-se com uma prima e juntas, no ônibus, foram conversando. Nina fala à prima sobre seu estado depressivo e se mostra preocupada por ter deixado os filhos em casa para estar, naquele momento, recorrendo a um conselheiro, conhecido e amigo, na tentativa de desvencilhar-se do emaranhado de sentimentos que se formou, segundo ela, nesse período turbulento pelo qual está passando: separação conjugal; novas paixões; emprego novo; a responsabilidade de cuidar dos pais que estão idosos; sozinha para educar e criar os filhos e uma gama de conhecimentos obtidos nas buscas de ensinamentos indicados por pessoas que tentam, de certa forma, ajudá-la, sendo que, cada uma indica um caminho a seguir. Nina continua dizendo à prima que foi nesse tumulto que se lembrou do amigo de infância que está exercendo um trabalho de orientação psicológica e acredita que ele irá tirá-la do estado em que se encontra.

Enquanto Nina desfiava suas mazelas num tom de voz um pouco elevada sem se importar com as pessoas que estavam no interior do coletivo, sua prima, incomodada, não teve dúvidas em parar antes do ponto desejado e, sem explicações, apeou rapidamente.

Nesse momento do relato, Cema diz que estava bem perto à Nina quando ouviu claramente sua indignação e expressões de ciúmes, por entre os dentes, referindo-se à prima com desdém, chamando-a de “piranha” porque a deixou falando sozinha no ônibus e percebeu que a beleza da prima a inco-

modava, visto que Nina mostrou-se insegura e Cema deduziu que ela nutria a possibilidade da prima estar interessada pelo seu ex-marido.

Segurando a pedra reluzente em suas mãos, Cema prossegue:

Na posição de vítima, Nina chega ao conselheiro que, surpreso, visto que não estava agendada sua visita, cumprimenta-a e pergunta-lhe como está e se apressa em dizer-lhe que não dispunha de muito tempo, pois tinha um compromisso inadiável. Percebendo, pela expressão do rosto, que Nina estava realmente precisando de ajuda, visto que, responde estar viva, com ares de que tudo acontece com ela, resolve atendê-la.

Segundo os relatos de Cema, Nina tenta justificar o porquê de não tê-lo avisado e cada vez se enrolava mais nas explicações.

Experiente, o conselheiro, de nome Pedro, conduz Nina até sua sala e enfaticamente frisa “entre ajudar e agradar, eu fico com ajudar, mesmo que você venha a me odiar”, porque o ato de agradar é fácil e prazeroso; concordar com suas atitudes, fomentar as críticas, certamente ganharei sua amizade e me tornarei mais seu amigo. “Difícil é ajudar”. Se você veio aqui pensando em ouvir algo que lhe agrade, bateu em porta errada. Não estou disposto a lhe agradar. Escolhi o caminho de ajudar as pessoas.

Fazendo menção com os ombros, mãos e cabeça, o conselheiro expressou-se claramente: -“Decida: fica ou vai”.

Quando Nina percebeu que quem estava à sua frente não era o amigo de infância, Pedro, e sim o conselheiro, viu-se encurralada e quis imitar a prima que desceu do ônibus antes do ponto desejado. Sentiu-se como um camundongo medroso, querendo escapar da morte.

Cema relata ainda que:

Nesse momento, vibrou para que Nina não se evadisse do local e que procurasse nas palavras do conselheiro o alento e forças para a mudança. Mudança interior.

Enquanto Nina balbuciava lamentos por estar ali, o conselheiro pediu a ela que falasse sobre sua vida e o porquê de tê-lo procurado.

Ressabiada, Nina chamou o conselheiro de senhor e este a deixou bem à vontade quando lhe disse que poderia tratá-lo de você.

A princípio, Nina não sabia por onde começar. Sem ordem cronológica, foi lançando tudo que acreditava não ter dado certo em sua vida e tudo que lhe causou tristezas. Uma lamúria que parecia não ter fim, porém o conselheiro a ouvia pacientemente. Nina falava sobre o fim do seu casamento e lamentava a falta de sorte em seus relacionamentos, mas deixava claro que mantinha a esperança de encontrar alguém e de ser feliz no amor.

Quando parecia terem se esgotado os lamentos de Nina, o conselheiro Pedro pede a ela que falasse sobre seus sonhos de menina. Nina diz que queria ser médica, casar-se e ter filhos e justifica que não pode estudar medicina porque teve que trabalhar para sustentar-se e, sem disponibilidade de tempo, restou-lhe fazer faculdade à noite. Nina confessou a Pedro suas frustrações; além de não ter se realizado nos estudos, o ponto crucial de sua insatisfação foi no amor. Declarou que não foi feliz, que foi vítima de traição e por isso não confiaria em outra pessoa. Pedro pergunta a Nina qual seria o tipo característico do homem que gostaria de encontrar para ser seu companheiro.

Cema, que acompanhou toda confissão de Nina ao conselheiro, diz ter percebido que Nina queria desabafar e falar dos seus relacionamentos e, sentindo-se bem à vontade, não se acanhou em listar os quesitos necessários para um possível pretendente, sem contar que o conselheiro e amigo se enquadrava no perfil almejado por ela.

Cema relata que percebeu ainda que:

Nina atinou que foi ela quem falou o tempo todo. Para ver se arrancava alguma ajuda do conselheiro, disse a ele que ela estava frequentando várias religiões e perguntou o que é que ele achava disso tudo; qual foi a sua surpresa quando o mesmo respondeu que não achava nada e que se ela estava se sentindo bem, que continuasse a busca, desejando que aproveitasse todas; quem sabe, um dia, optaria por uma e talvez a seguisse. Pedro diz a Nina que a religião não muda ninguém, apenas conduz; a prática, sim. Sem mais, convidou-a para assistir a uma palestra, que seria no dia seguinte à noite no Teatro Municipal da cidade, sobre um assunto que ela, talvez, iria gostar. Curiosa, Nina perguntou se ele poderia adiantar sobre qual assunto versaria a palestra e ele prontamente lhe disse que seria sobre “transmutação sexual”. Cema relata que, pela expressão corporal, Nina deve ter achado o tema convidativo e, sem disfarçar, indagou se ele iria e o mesmo respondeu-lhe que sim.

O conselheiro ajeitando alguns papéis em uma pasta, olhou para o re-

lógio e, reiterou que tinha um compromisso, como havia dito no início. Pediu desculpas e foi se despedindo com um até amanhã na palestra, ou, caso contrário, depois de amanhã; agendando o próximo encontro no mesmo horário.

Gentil, mas apressadamente, acompanhou Nina até a porta e, trocando beijinhos no rosto, despedem-se.

Cema relata que Nina saiu cabisbaixa e durante o percurso até o ponto de ônibus seguiu murmurando, em tom audível: -Por que será que fui ter com esse conselheiro que não me orientou em nada? Bem, ele não vai se ver livre de mim tão cedo; no dia e hora marcada, estarei lá; ele bem que poderia ir à palestra, afinal é um colírio para os meus olhos.

E Cema prossegue dizendo que Nina, ao chegar à sua casa, encontrou as crianças dormindo. A amiga Ana, vizinha, ainda estava lá à sua espera e disse que tomara a liberdade de fazer um cafezinho para passar o tempo. Juntas à mesa, enquanto tomavam café, a amiga questionava como foi o encontro com o conselheiro. Nina disse que estava se sentindo como um tonel vazio, pronto para receber um vinho novo.

A amiga, preocupada, percebendo que Nina voltou meio diferente, pensativa e falando pouco, pergunta se está tudo bem e se valeu a pena ter ido, não escondendo a curiosidade em querer saber detalhes do encontro. Nina faz sinal que está tudo bem e se limita em falar sobre a palestra do dia seguinte e aproveita para convidá-la, alegando que precisa de uma companhia para não voltar sozinha. A amiga entende o dilema de Nina e aceita o convite tão somente para acompanhá-la. Com relação aos filhos, Nina diz a amiga que irá pedir para sua irmã vir pousar com eles em sua casa; assim, os filhos, que adoram a tia, ficariam bem e elas poderiam ir despreocupadas à palestra.

E assim foi feito. No dia seguinte, com a tia na casa, as duas foram ao teatro assistir à palestra.

No caminho, Ana reporta à Nina que teve um dia de serviço muito puxado, e, por ser época de pagamento, houve muito movimento no banco onde trabalha. Lamentando estar se sentindo bastante cansada, disse que estava indo mesmo só pela amizade, o que ela mais queria era deitar-se em uma cama para descansar. Nina sentiu-se chateada por tê-la submetido a tamanho sacrifício.

Ao chegar ao local, agilizam-se em descobrir um lugar vago. O auditório estava repleto, as pessoas todas acomodadas, pois já estava para começar

a palestra. No entanto, houve tempo para Nina passear os olhos por entre os presentes, na tentativa de localizar o amigo Pedro. Para isso, contou com a ajuda da amiga Ana.

Ao ser anunciado que a palestra iria começar, Nina passou por um segundo de frustração pela suposta ausência do amigo e ainda teve que aguentar as gracinhas da amiga que não perdeu a oportunidade de dar umas alfinetadas.

Antes de entrar o palestrante, no palco, ao som de uma música clássica maravilhosa, baixou um painel com o desenho de um cálice. Os olhos de Nina brilharam, e qual não foi sua alegria quando viu surgir por entre as cortinas o palestrante que não era outro senão o seu amigo e conselheiro Pedro. Nina olha para a amiga radiante de felicidade. Aos poucos foi contendo sua emoção e se pôs a prestar atenção no que iria ouvir.

Cema relata ao grupo que naquele momento, sentiu-se um pouco Nina, um tonel vazio, pronto para receber um vinho novo; e foi assim, nesse misto de vazio e alegria que também se pôs a ouvir.

Cema diz que:

-Ao ver o palestrante olhar para a plateia que se mantinha em silêncio a espera de um boa noite, lembrei-me do ensinamento contido na história do pássaro que, no alto de uma montanha, ainda acompanhado pelo seu mestre, contempla o vale e observa a parte dele que se tornou o lixo da cidade abarrotado de corvos e outras aves que diariamente vão em busca de alimentos e disputam materiais em decomposição. O pupilo sabe que o trabalho mais difícil é planar por entre eles, aterrissar e convencê-los de que não está ali para brigar pelo banquete e sim para ensiná-los a alçar voo e buscar novos horizontes. Diz o mestre ao pupilo que se apenas um, dentre todos, demonstrar interesse em sair daquela situação de escárnio e galgar o espaço, valeria a pena descer e enfrentar a todos.

O palestrante olhou o desenho do cálice no telão, voltou-se para a plateia, curvou-se como quem olha para si próprio, apresentou-se e cumprimentou a todos com boa noite e iniciou dizendo:

-Se alguns de vocês vieram aqui pensando em ter uma noite de entretenimento, alegria ou algo parecido, sinto muito, estão em lugar errado. Junto com meus desejos de boa noite, vão os desejos de conscientização através das palavras, que não são de minha autoria, extraídas em fontes de

ensinamentos que busquei, as quais serviram como base da minha mudança interior e por isso me vejo na necessidade de entregá-las como agradecimento por tudo que recebi.

-Comparar a busca por ensinamentos ao trem que pára nas estações nos faz refletir o quanto temos que resistir aos sacolejos “do trem” e nos mantermos firmes para chegar ao nosso destino. O fato de querer passar a vocês o que recebi é a maneira que encontrei de contribuir para a trajetória de quem almeja esse embarque. Aos passageiros eu digo:

-Tenham todos uma boa viagem.

Cema relata:

-A princípio, pelas pernas inquietas e fungadas bufantes, percebi que Nina e a amiga resistiram ao embarque. Aos poucos foram aquietando-se e pelo visto acomodadas e, à vontade na poltrona, abriram-se ao novo. Não pela afeição que já sentia pelo palestrante, senão pelo itinerário proposto resolvi, também, embarcar nesse trem.

Pedro, após discorrer um pouco sobre civilizações antigas falando mais sobre os maias, não se ateu à Antropologia.

Pedro, contornando a borda do cálice, compara-o ao desenho de um lago e diz que o cálice foi a fonte de inspiração ao preparar-se para a palestra e convidou todos a uma breve reflexão sobre os mistérios contidos nas profundezas de um lago de água tranquila e serena, bem como, através da imaginação, ir diminuindo o tamanho desse lago até atingir a borda do cálice e transformar as águas no vinho raro contido no interior do cálice. Um jeito ameno de introduzir um assunto de caráter relutante aos que anelam um trabalho interior.

Cema notou que Pedro utilizou por várias vezes, como didática, a forma circular para explicar vários tópicos, fazendo-a lembrar como Bela conduz o trabalho no grupo, assentando-se em círculo, e diz:

-Houve um momento em que Pedro abordou sobre os perigos das vibrações negativas. Alertou-nos sobre a necessidade de estarmos sempre vigiando nossos pensamentos, pois, através deles podemos danar nossas vidas e a de nossos entes queridos. Citou como exemplo a mãe que brigou com o marido e, sem domínio dos ciúmes e da raiva, vai para a cozinha preparar a refeição para a família. Ao mexer o arroz, por exemplo, faz um movimento circular e, sem

saber que pode estar prejudicando a saúde de seus próprios filhos, destila sua mágoa batendo a colher na borda da panela e não percebe que bate forte, que pensa e repensa: maldito, você me paga. Concluído o almoço, como de costume, a mãe senta-se à mesa e em família faz a refeição. A mãe ignora que, no preparo da refeição, seus maus pensamentos podem impregnar nos alimentos energias danosas, podendo dar origem, por exemplo, a uma dor estomacal; tratar a causa aparente não arranca o mal pela raiz.

Cema seguiu dizendo que, nessa hora, apiedou-se de sua mãe que vive constantemente irada devido à estupidez do seu pai que a deixa com os nervos à flor da pele. Observou que Nina e sua amiga Ana trocaram gestos de concordância.

Cema relata que num determinado momento da palestra, achou que as duas amigas iriam deixar o local, se bem que a inquietação foi geral.

Pedro, mesmo sabendo que a maior parte dos que estavam presentes não comungaria com sua linha de pensamento, seguiu seus preceitos e disse com firmeza:

-O mundo está como está porque burlaram o que há de mais sagrado que é a energia criadora, que o homem chama de energia sexual quando atua nos órgãos sexuais. É a energia que palpita em todo ser vivente, responsável por perpetuar todas as espécies, que nas flores, através dos pistilos se manifesta; nos animais, nos peixes, nas aves; enfim, em todo ser que se reproduz e que pela ação dos homens está ameaçado de extinção. Uma energia pura e cristalina capaz de colocar um mundo em existência.

Incitou a reflexão circundando a borda do cálice e compôs: o mundo, a barriga da mulher grávida, o lago e o cálice.

Não se intimidou em dizer que:

-Desde os tempos remotos o homem sofre as consequências do mau uso da energia sexual.

-Deixou de ser segredo que nos bastidores dos grandes poderes a luxúria marcou presença e já veio a público casos em que a mulher foi figurante em atos concupiscentes envolvendo governantes. A história retrata a figura feminina com poder de persuasão, mas na verdade é a luxúria a ardilosa responsável pelos danos espalhados pelo mundo.

-A energia sexual e a energia monetária estão intimamente relacionadas, com seus poderes de atração, mantêm suas vítimas em suas garras manipulando-as como se fossem marionetes.

-Quantos casos já aconteceram iguais ao do empregado que passou a ser patrão e depois de ganhar muito dinheiro perde, pela farra com mulheres, o que conquistou e mais o convívio com a família.

-São comuns casos em que o marido sente-se realizado no relacionamento conjugal no dia em que antecede ao do pagamento. Ele não é enganado, já conhece a manha e monta um esquema que lhe propicie momentos de satisfação. No dia seguinte libera o cartão de crédito para as compras, sabendo que no próximo mês o prazer se repetirá.

Mesmo sabendo do incômodo que suas palavras estavam causando, Pedro prossegue:

-Há casos em que não se percebe o atrelamento entre as energias, detectá-las seria um trabalho árduo de conscientização e querer transformá-las seria a de um Titã.

-Atualmente, a única proteção que podemos afirmar que temos é a do nosso interior. Devemos nos apoiar em nosso interno e não desperdiçar nossas energias torpemente; transmutá-las e elevá-las é um meio de nos tornarmos fortes e protegidos. Já houve registros de casos em que uma pessoa atingida por uma bala perdida, foi salva por uma caneta no bolso ou de alguma outra maneira inacreditável. Ainda é uma minoria que acreditaria que a energia da pessoa, naquele momento, não coincidia com a energia do projétil.

-Cada vez menos as pessoas irão se preocupar em elevar suas energias. No trânsito, por exemplo, é comum a equivalência energética após uma infração cometida. Não importa quem a cometeu, “o bate e rebate”, ou, “toma lá, dá cá” independe da razão. Quantos daqueles que dizem estar buscando espiritualidade, na hora que alguém lhe corta a frente, manda o infrator “pra aquele lugar”.

Pedro segue firme com sua proposta de passar o ensinamento, através de suas palavras, apoiado em sua vontade de ajudar a humanidade no processo de conscientização, e diz que:

-A nossa maior segurança e proteção está dentro de nós mesmos. A maior energia que atua em nossa catedral de células, corpo físico, é a energia criadora, sexual, e é com ela que devemos trabalhar nosso interior. Enquanto tivermos um sopro de vida, ela estará para nos auxiliar a fazer o nosso trabalho de alma. Nosso corpo físico é o único instrumento que temos para trabalharmos aqui, para onde viemos. E se quisermos saber realmente qual seria nossa missão, é só entrarmos pra dentro de nós mesmos que ouviremos de nossa consciência o que estamos fazendo aqui. O fato é que temos medo de nos enfrentarmos, tampouco queremos realmente atender à nossa alma. Daí, caímos na roda dos inconscientes e nela permaneceremos até um dia, quem sabe, um raio de luz nos alumie.

Antes que Cema prosseguisse, atenderam ao convite de Bela a uma breve pausa e, na descontração, Giri questiona como atribuir ajuda à humanidade diante de tanta carência e inconsciência sentidas nos relatos e Bela diz que, cientes das necessidades, cabe a todos uma entrega total de amor através dos trabalhos de vibrações em prol da raça humana, cada um contribuindo em sua potencialidade total, emanando energias positivas ao planeta.

De volta, Cema diz que Pedro, ao término de sua palestra, abordou sobre a importância das pessoas se juntarem e participarem de estudos voltados ao trabalho de lapidação interior e da necessidade de que todos persistam nesse propósito, embora o trabalho seja difícil, não é impossível, sobretudo é compensador. Convidou, a quem esteja querendo a revolução interior, a participar de reuniões, presididas por ele, voltadas ao trabalho de morte mística com práticas adversas àquelas que enaltecem o ego, com a proposta de transformá-lo.

Citou como exemplo a impaciência, que é uma faceta da ira e que para transformá-la em paciência, o primeiro passo é admitir que a temos e que não devemos aceitá-la. Em seguida, através da auto-observação, assistir sua manifestação, sem camuflá-la.

Pedro diz que, no começo, é comum assistirmos a atuação de qualquer defeito psicológico na retrospectão, ou seja, visualizar a manifestação dos defeitos somente após a ocorrência, mas, à medida que insistimos na transformação, vamos diminuindo o espaço de tempo de retroação até pegarmos no flagra a atuação dos elementos inumanos que nos roubam nossas energias. Ao visualizarmos o estado de como ficamos quando estamos em pleno manifesto da impaciência e nos incomodarmos com tal situação ao ponto de rechaçá-la,

estamos a caminho da transformação. É muito importante participar de um grupo em que todos estejam imbuídos nas mesmas propostas, desde que o grupo não esteja contaminado pelo vírus do fanatismo.

Pedro diz que:

-Aos fanáticos cabem as premonições, visões e outros atributos extrasensoriais, pois adoram falar do interno de outras pessoas, esquecendo-se que somos todos farinha do mesmo saco.

-Quero aclarar que, diz Pedro, tenho renda própria, não preciso, portanto, de rendimentos extras, bem como não permito que se faça, no grupo, um oportuno ponto de comércio. O único benefício permitido é o atribuído às nossas almas.

Estendendo o convite à reunião que seria no dia seguinte, agradece a presença de todos e encerra a palestra com uma linda oração.

Cema, após terminar de falar sobre a palestra de Pedro, continuou dizendo que palestra terminou tarde e que na saída, uma conhecida de Nina ofereceu carona a ela e à sua amiga Ana que aceitaram. Cema diz que se ajeitou entre elas e, no caminho, refletiu sobre a palestra e observou a reação das duas, Nina e Ana, que pela conversa gostaram e se propuseram ir à reunião.

Dia seguinte:

A irmã de Nina voltou para pousar e cuidar dos sobrinhos favorecendo a ida de Nina e da amiga à reunião, pois não sabiam a que horas iria terminar.

O local da reunião foi na casa de Pedro, que Nina já conhecia.

Cema diz que chegaram pouco antes de começar a reunião e que lá já se encontravam outros participantes.

Cema relatou que, após os cumprimentos, Pedro agradeceu a presença das duas amigas com votos de boas vindas e antes de explicar sobre alguns procedimentos para um bom desempenho da reunião, falou das dificuldades em expandir o trabalho de conscientização sobre os defeitos psicológicos e exercícios para mudanças; Pedro prosseguiu dizendo que: a maioria não quer mudanças, principalmente no que lhe causa prazer, visto que, se tem algo que lhe traz incômodo e dor, procura por soluções imediatas. Recorre a todo tipo de ajuda para se livrar do que julga ser um problema. O único lugar que insiste em não buscar é dentro de si. E continuou: este trabalho, de fazer com que

as pessoas busquem dentro de si a cura para seus males, é árduo e de pouca aceitação, haja vista o resultado do dia de ontem. Todos, atraídos pelo tema da palestra, foram em busca do ouro. Cegos, não enxergaram que os desenhos foram artifícios utilizados para conduzi-los ao interior. Não atinaram: o cálice, o lago, você e o mundo.

Cema diz que percebeu em Pedro uma certa tranquilidade quando ele disse:

-Era de se esperar o número reduzido de aceitação, mas, o auditório estava repleto. O fato é que alguns acham que poderão fazer o trabalho só. A nossa proposta é de colaboração e acreditamos que juntos poderemos vencer nossas dificuldades no trabalho. Primamos pela intensificação da vontade e não pela quantidade de especuladores.

-Acreditamos que vocês, Nina e Ana, estão, assim como nós, buscando uma mudança radical. Para esse trabalho, embora seja individual, nos unimos na ajuda e compreensão. Esperamos que não esmoreçam e que possamos, com vocês, somarmos nove integrantes: três homens e seis mulheres. Quero ressaltar, diz Pedro, que aqui não tem um líder, apenas alguém que coordene o andamento das reuniões; aprendo e preciso de ajuda tanto quanto vocês. Aos poucos vocês, novatas, vão interagindo e entrando no esquema que acredito estar dando certo. Sempre há um tempo para que todos possam expor suas opiniões, dúvidas dentro do tema proposto. O único ponto fundamental que fazemos questão de crivar é o hermetismo. O ato de ventilar os assuntos, de caráter pessoal, tratados na reunião se assemelha ao do cônjuge, traidor, que expõe suas intimidades conjugais.

-Sintam-se à vontade enquanto ajeitamos as cadeiras.

Cema relata que após uma pausa para um rápido e descontraído bate papo, Pedro retoma a reunião e convida todos a assentarem-se nas cadeiras, dispostas em círculo, indicando a cada um o local, distribuído, um homem e duas mulheres.

Era madrugada, os amigos, atentos, emanam energias para que Cema conclua seus relatos.

Cema prossegue:

-Não só acompanhei as duas amigas, como me integrei ao grupo, bene-

ficiando-me dos ensinamentos e sentindo-me privilegiada em poder estar com eles e sofrendo os efeitos da conscientização.

Seguindo os costumes, nesse dia, Pedro pediu a uma das integrantes do grupo, carinhosamente chamada de Poetiza, que conduzisse a meditação e ela, tranquila, sugere a todos que mantenham os olhos fechados e paulatinamente os envolve em uma névoa de harmonia e sabiamente os conduz à liberdade. No ameno clima encerra invocando aos seres de luz que os orientem no caminho da compreensão.

Iniciando o processo de ajuda à lapidação, Pedro ressalta a necessidade de combater os defeitos psicológicos enfraquecendo-os até transformá-los em virtudes sem deixar o combate à luxúria responsável, desde os confins, pelo caos que passa a humanidade.

E Pedro segue dizendo:

-Para transformar um defeito em virtude, primeiro é preciso detectá-lo e perceber sua atuação em nós. Feito isso, é preciso que nasça uma vontade verdadeira de transformá-lo. No fato de querer eliminar um defeito pode aparecer um imenso vazio e ser preenchido por um defeito ainda pior, então, é aconselhável que o transformemos em virtude.

-Cada defeito ou virtude possui sua carga energética e faixa vibratória. Nossas células suportam até um determinado limite de vibrações. Já estão comprovados, em testes feitos em recipientes de água, os danos que causam as palavras de repúdio, consideradas densas e a harmonização produzidas por palavras que refletem amor. Com nosso corpo, sensível às vibrações, não é diferente; portanto, somos responsáveis pelos danos que causamos às pessoas ao emitirmos energias densas, através de nossas palavras ou pensamentos.

-Não podemos nos esquecer das leis da física. Percebê-las em outros planos que não o físico, requer admissão de uma convincente atuação e concluir que nem eu e nem ninguém sofre de graça, é estar a um passo de reconhecermos as nossas falhas.

-Quero aclarar, diz Pedro, que não somos diferentes das demais pessoas que às vezes citamos como exemplo. Se assim o fôssemos, estaríamos em outros planos. Contudo estamos aqui, na terra, sujeitos às leis da ação e reação. Apenas nos reunimos num propósito comum de trabalharmos em prol de nossas almas.

-Para atingir os objetivos propostos, todo grupo de estudos tem certos regulamentos; o nosso não é diferente.

-Além do hermetismo, aderimos a certas práticas que vamos passando conforme o andamento dos trabalhos. Através da auto-observação, cuidar do verbo e dos pensamentos é uma prática urgente e imediata. Palavreados torpes e psique alterada não coincidem com o trabalho de revolução interior. Também não condiz com o trabalho a perda de energia sexual através da fornicação, atos ou pensamentos libidinosos.

-Temos um estudo à parte que trata do assunto relativo ao sexo.

-Praticar a magia sexual e transmutar suas energias é o ápice do trabalho dos que anelam a luz.

Num dado momento, Nina, num aparte, levantou a mão direita e lhe foi concedido o direito de falar. Comentou que quando participou de um outro grupo de estudos, foi indicado um livro sobre magia sexual que, segundo ela, leu e, como tinha um companheiro, praticou com ele a magia e disse que gostou. Nesse momento, um olhou pra cara do outro, baixaram a cabeça e Pedro aplicou a psicologia apontando para Nina, citando-a como exemplo dos que são presas fáceis da própria luxúria que brinca de praticar alquimia sexual. Nina, embora ressentida, conscientizou-se de que tem muito a aprender.

Pedro, após discorrer sobre energias, abordou um fato chocante acontecido na cidade que é de conhecimento de todos.

Foi sobre o assassinato de uma jovem adolescente que saiu para comprar esmalte e nunca mais voltou. Pedro comentou que, quando aconteceu o fato, ele já tinha conhecimento sobre a lei da ação e reação e quis conferir a atuação desse princípio. Indagando moradores próximos à casa da vítima, ficou triste ao saber que a menina foi alvo de um acerto de contas que os bandidos tinham com o pai. Diz que ficou imaginando como seria aquele lar. Turbulento? Que tipo de palavreado rolava entre eles? Em resposta diz: -Nesse momento abracei o trabalho de divulgação sobre a conscientização da lapidação interior, e aqui estou, no mesmo patamar que vocês, tentando fazer o meu trabalho.

-Como tarefa da semana, vamos nos propor um trabalho elementar, o de auto-observação. Cada vez que surgir um pensamento indesejável ou mor-

boso, através da imaginação, vamos afastá-lo utilizando spray, (tipo, spray de pimenta). Faremos o mesmo procedimento se proferirmos palavras indesejáveis, tendo como finalidade o refinamento de nossos verbos e pensamentos.

Antes de terminar a reunião, todos dirigiram algumas palavras, relativas ao trabalho, às amigas, como estímulo e esperança de que mudar é possível. Basta querer.

E pra finalizar a reunião, Pedro agradeceu mais uma vez a presença das amigas Nina e Ana externando o desejo de tê-las como integrantes do grupo.

Com o convite ao chá, café, bolacha e uma boa conversa, dá por encerrada a reunião.

Cema diz ter acompanhado as amigas até suas casas e, durante o percurso, as amigas pouco conversaram. Cema disse ainda que ao deixá-las, despediu-se emanando luz, paz e amor.

Ao terminar seus relatos, Cema agradeceu muito a oportunidade de ter participado desse trabalho; pediu desculpas por trazer em suas mãos apenas a pedra, símbolo do seu batismo. Disse que enveredou por um caminho e quando se deu conta estava se beneficiando dos ensinamentos. Lançou um propósito de emanar energias de onde estiver e vibrar para a concretização da proposta do grupo. Aquietou-se para ouvir as considerações de Bela.

Pela hora avançada na madrugada, achou melhor desejar ao grupo um merecido descanso, e externou à Cema um eterno agradecimento pela coleta realizada e disse:- Quão certo foi o caminho que a conduziu e quão bendito foi o seu relato! Luz, paz e amor, minha querida.

Todos adormeceram no descanso providencial.

É manhã, o dia está nublado. Já faz algum tempo que tocou o sino da capela da fazenda. Mima pensou ser um chamamento à missa, não ligou, virou e continuou a dormir. Giri ainda sonolento, murmurou: -acho que vai chover e deu mais uma cochilada. Bela lembrou-se que antes de dormir, contemplou o céu e uma estrela lhe chamou atenção. Observando o tempo nublado, questiona: -Como pode uma mudança tão brusca? -Vai cair água.

Passado um tempo, Bela, Mima e Giri enquanto bebem o chá da manhã, comentam a ausência dos pássaros e olham para o céu e observam a luta do sol contra as nuvens tentando clarear o dia, até que, o sol aproveita um vão e como

uma lanterna clareia algo que reluz e chama a atenção dos três aventureiros. No mesmo instante em que um olha para o outro, surge uma nuvem de libélulas sobrevoando a copa da figueira e bem no lugar onde estava Cema quando prestou seus relatos, lá estava a pedra reluzente, símbolo do seu batismo. Nenhum dos seres a toca. Uma tristeza invade a copa e as libélulas batem revoada em direção à casa dos pais de Cema. O sol se esconde e a chuva cai. Um dia cinza. Os três achegados choram copiosamente.

Mima que havia estado na casa dos pais da Cema coletando dados para o trabalho, admitiu a possibilidade da família estar precisando de ajuda e sugeriu confortá-los.

O clima na fazenda era de profundo pesar.

Via-se ao longe o pano escuro, como uma cortina na porta da sala do lado de fora, um costume antigo de velarem seus mortos, ainda usado pelas pessoas da fazenda.

Mima, Bela e Giri ao chegarem perceberam que havia poucas pessoas no velório: alguns vizinhos, a mulher do patrão com a moça, empregada da casa, e uma irmã da dona Odila, mãe da Cema, que mora na fazenda vizinha e que veio prestar socorro, atendendo ao pedido do pai da Cema.

Uma cena de cortar o coração. Não havia quem não se comovesse com o choro doido do irmãozinho da Cema ao lado do caixão.

O pai da Cema estava no hospital fazendo companhia à mãe que, pelas conversas, não estava passando bem e para lá se dirigiram os remanescentes do grupo.

Ao adentrarem no quarto presenciaram uma cena de profunda tristeza. A mãe, tomando soro, em meio aos choros lamentava a perda da sua querida Iracema. Acariciando a barriga ausente, lembrava os chutes que o irmãozinho, quando também sentia, dizia: espoleta, vai jogar bola comigo no quintal e juntos riam muito. O marido, que desdenhou a gravidez da mulher, ouvia toda lamúria e chorava, talvez de arrependimento. Naquela tristeza incomensurável, Giri, Bela e Mima contribuem com suas vibrações para minimizar tamanha dor. Giri pôs-se a soar seus mantras poderosos. Bela girava, em torno de si mesma, numa velocidade máxima, produzindo

do seu zunir peculiar. Mima bafejava, aquecendo e abrandando o coração dilacerado. Aos poucos, dona Odila foi se aquietando e adormeceu. Mima sussurrou: -Acho que o calmante fez efeito. E saíram.

De volta à fazenda, estiveram no curral por um tempo. Nutriram-se da energia dada pela troca de amor entre Mima e sua mãezinha. Abastecidos, saem e se acomodam em baixo de um pé de amoras. Suas conversas, espalhadas, versam sempre sobre Cema. Recordam, comentam, tecem admirações por ela, em fim, levantam todo tempo de convivência e expressam que Cema viverá em suas lembranças, que sua raça receberá energeticamente seus feitos, embrenhados às suas vontades. Têm, os três aventureiros, a certeza de que Cema continua firme nessa viagem, que foi apenas uma sacolejada que não a tirou de sua rota.

Em meio a conversa, entre os três aventureiros, Mima reporta que, em um intervalo dado na ocasião do seu relato, Cema se aproximou dela e fez um desabafo referente à sua família. Alegou que andava preocupada, pois, tinha ouvido sua mãe, dona Odila, confidenciar à irmã, sua tia, que iria separar-se do marido após o seu nascimento. Mima continua dizendo que embora Cema soubesse que o seu pai não era nenhum santo, confessou que tinha amor por ele e que, apesar das embriaguezes, era um homem trabalhador e Mima acrescenta: “como se isso fosse uma virtude”. São sentimentos inexplicáveis, entre pai e filha, rebateu Giri.

Giri não escondeu que teve pressentimentos que Cema iria partir.

Bela silenciosamente expressou-se: -Todos nós, inclusive ela, tínhamos.

Nessa melancolia, resolvem dispersar, cada um pra um lado, mas antes, combinam estarem juntos para o enterro.

Mima desceu até o lago onde os garotos pescaram e veio à lembrança a imagem do cão arredio e esboçou a preocupação por não tê-lo visto por ali. De imediato lembrou-se do dia em que esteve com sua mamãe e que ouviu a conversa entre dois colonos sobre o local onde iriam enterrar o cão que morreu envenenado, vítima de uma picada de cobra e, ali no lago, cabisbaixo, concluiu: só pode ter sido aquele cão.

O sol, opaco, se despedia do anjo que ninguém viu sorrir. Na frente da casa, havia muitas pessoas: amigos da família, parentes, patrões e empregados, aguardando a hora do enterro. Na saída, deixando a casa, o pai e o irmãozinho,

na frente, segurando nas alças do pequeno caixão; as de trás estão seguradas por dois dos colonos; no percurso, iam se revezando. Todos queriam carregar um pouco o caixãozinho. Um cenário de tristeza e de dor. Não havia quem não chorasse.

O cemitério fica localizado na fazenda vizinha; terras cedidas pelo proprietário e que se destina atender a várias fazendas. Também nessa fazenda tem uma capelinha onde todo mês tem missa rezada pelo padre que acompanha o cortejo.

No percurso, o irmãozinho de Cema, de três anos, segue acompanhado pela tia, que não descuida dele um minuto sequer. Todos seguem rezando.

No trajeto, o cortejo pára bem em baixo da figueira frondosa e começa a cantar hinos.

Foi um momento mágico. Todos pareciam querer permanecer por ali.

O garoto solta das mãos da tia e abaixa para pegar uma pedrinha reluzente. Olhou para a tia, mostrou-a e sorriu. Bela, Mima e Giri que estavam atrás da criança presenciaram sua atitude.

O cortejo segue, o padre e os fiéis rezam o terço.

Ao alcançar o riacho, onde Cema entregou-se ao batismo, novamente a criança solta das mãos da tia, sai correndo e na barranca do riacho, num instante, arremessa a pedrinha pra dentro da água e volta para a tia sorrindo. Bela, Mima e Giri se entreolharam e não teceram um comentário sequer.

Após a longa caminhada, chegam ao campo santo.

No horizonte, apenas o ameaço do claro que resistia à penumbra que se avizinha, se mantém. Na terra, a grama cálida suporta os pés dos peregrinos e as árvores dali recebem os pássaros que em bando chegam para o abrigo. Uma despedida singela. O padre faz a oração e os fieis entoam um canto quase que no murmúrio; os pássaros se aquietaram; no céu, o primeiro diamante reluz e as pétalas de flores o vento as espalha. A eito, ao longe, um ou outro volta a cabeça tentando enxergar a imagem que na distância vai se moldando a um ponto. Ponto do adeus.

Da copa da figueira frondosa, Mima, Giri e Bela observam que aos poucos as pessoas vão se dispersando e em seus rumos tentam diluir suas tristezas.

Sem clima para conversa, a sugestão de Giri, para estarem livres e retornarem no dia seguinte ao anoitecer, é aceita.

Com um até amanhã, despedem-se.

Cada um, segue para seu local de origem em busca de reposição energética.

Manhã de sol, caminhada a esmo, sem pressa de chegar.

Fim de tarde, Giri e Bela a espera de Mima na copa da figueira.

Uma fogueirinha e uma conversa que se estendeu longa. Quase virando a madrugada, algo semelhante à impaciência se manifesta entre os dois.

Apagada a fogueira e com o sereno caindo, sai a dupla de aventureiros a procura de Mima. Ao chegar ao curral foram envolvidos no clima natalício e regozijaram-se junto a Mima e sua mamãe querida. Mima percebe a presença dos companheiros e manifesta seu amor com uma baforada. Bela e Giri retribuem com gestos de gratidão sabendo que o grupo segue, reduzido, recebendo de Mima e Cema vibrações positivas.

Giri e Bela ficam por ali, porque querem ver à luz do sol as primeiras despreguiçadas de Mima.

Logo de manhã, o pai de Cema e alguns dos empregados responsáveis em cuidar dos animais da fazenda, estão no curral para os procedimentos de suas incumbências.

Um deles achou, preso a um caibro do curral, um envelope. Pensando se tratar de uma nota de compra de interesse do patrão, abriu-o para verificar. Notou ser algo parecido com uma carta. Ao comentar em voz alta sobre o achado, despertou a curiosidade entre eles que rapidamente se achegaram para bisbilhotar o que estava escrito. O colono que achou o envelope, leu em voz alta o que estava escrito no papel e todos prestaram atenção:

Manhã de primavera.

Neste dia maravilhoso, por entre as flores do campo, tocando-as e sentindo o frescor das gotículas trazidas durante a noite, contemplo ao longe o prado, que outrora, após a colheita do arroz, foi uma plantação de algodão. A mesma terra que um dia alimentou o homem, com o plantio

do arroz, ao revolvê-la, passou a ser o cenário de uma envolvente candura que, na plantação do algodão, inspirou os casais de enamorados e as crianças a pedirem, nos parques de diversão, algodão doce; hoje, esta mesma terra serve aos animais.

Revolvendo o meu coração, sob o sol da manhã, colhi para você, no campo, uma simples plantinha e quero, com ela, expressar todo o meu amor, e, se aceitá-la poderemos, juntos, semear e realizar as mais variadas colheitas. Mesmo que a encontre seca, o tempo não apagará o amor que sinto por você.

Até um dia.

Seu grande Amor.

Ao terminar, o leitor, com desprezo, estendeu o envelope como quem oferece a quem o quiser.

Para surpresa de Bela e Giri, o pai, **santo**, pega-o e o coloca no bolso da camisa.

Talvez, ainda pela tristeza, ouve e não revida os gracejos vindos dos colegas de trabalho, mas, a dupla reconhece, ante a atitude do pai da Cema, que nem tudo está perdido.

Antes de voltar à figueira, Giri e Bela repousam na porta do bar, que só abre à tardezinha, e ao contemplarem a sede da fazenda tecem um acre comentário. Bela questiona a Giri:

-Você, que tem um faro voltado à concupiscência, não observou algo de estranho durante o cortejo de nossa querida?

Responde Giri:

- Suponho que esteja se referindo a mocinha empregada da casa dos patrões. E continuou:

-Claro que sim. Ela estava servindo de escora à patroa e, por ser mais alta, paquerava à vontade o patrão.

Bela expressa sua indignação:

-Que cara de pau, não respeitou nem o enterro de Cema. Como fica a patroa nessa lambança toda?

Giri deu um sorrisinho sarcástico e dirigiu-se a Bela:

-Minha querida, você pode virar a cabeça a 360 graus, mas nesse campo não acha o ângulo certo.

- Não percebeu que a patroa, que não é nenhuma ingênua, estava mais preocupada em monitorar aquele grandalhão de camisa xadrez, vendedor de insumos, que ver para onde o marido, que estava ao seu lado, dirigia os olhares.

Bela:

-Giri, você acha que a patroa sabe dos lances que Mima relatou?

Giri:

-Finge que não sabe, como em muitos casos, por conveniência.

Bela:

-Giri, eu não vi os garotos da pescaria, pelo menos não os reconheci entre os que estavam presentes. Você sabe de alguma coisa?

Giri:

-Creio que um deles estava acompanhando o enterro. O outro, pelo que ouvi, foi atacado por um animal feroz. O que se sabe é que, em uma noite, ele foi pescar e voltou para casa todo esfacelado e o levaram para o hospital onde continua internado.

-É...

-Minha amiga, acho bom sairmos deste lugar, não sei se você percebeu, mas, estamos desperdiçando nossas energias e entrando no campo da crítica.

Bela:

-Sim, essa linha de mão dupla é tão sutil, que nos enganamos em achar que estamos tecendo um comentário produtivo; na verdade, estamos enveredando sentido contrário.

Disse Giri: -Então, vamos tratar de recuperar o que foi desperdiçado, vou sair por aí, buscar um canto ideal e fazer os meus mantras e convém você fazer as suas práticas.

-Até mais.

De volta à copa da figueira frondosa, após a trégua necessária, Giri, com um jeito maroto, olha pra Bela e pergunta:

-Você quer tirar no par ou ímpar?

Bela sorri e responde que não, que ela prefere ficar pro final.

Espantando as tristezas, recomeçam o trabalho, intercalando seus relatos.

Bela, ativou suas energias com suas práticas e não esmorecendo na condução dos trabalhos, bem informal, pergunta ao Giri:

-Por onde andou e o que trouxe de contribuição para o nosso trabalho?

Giri:

-Eu não precisaria ter andado tanto; se assim o fiz, foi para que no cansaço eu pudesse me achar. Quando nos despedimos e segui o carreador, senti-me no vazio do mundo e, nele, apeguei-me na minha vontade. Ao passar pelo riacho, onde ocorreu o batismo de Cema, ao contemplá-lo, senti a força ativa das águas e busquei nas minhas origens o amor verdadeiro que precisava para realizar o meu trabalho.

Prosseguindo, disse:

-Foi invocando ajuda que me achei e quando me dei conta estava passeando pelos corredores de uma universidade. Acreditando estar ali o material para o meu trabalho, busquei pelas salas de aula algo que me levasse a entender a situação caótica do mundo atual. Entre uma matéria e outra, eu me prendi à aula de física. Houve momentos de eu viajar nas explicações do professor, como se eu estivesse sentindo a atuação das leis em outros planos.

-Incrível. Voltei um pouco no tempo e encaixei os relatos de Mima e Cema no que assisti. Vi claramente que o ser humano cava sua própria desgraça e que todos nós estamos sujeitos às leis cósmicas, imunes às transgressões, que só são percebidas por nós quando atuam no plano físico. Algumas delas são identificadas por chavões. Quem não conhece o ditado: “Não cuspa pra cima que cai na cara”, referindo-se à força da gravidade; sendo que os que mais se ouve são os alusivos à ação e reação.

Nesse momento, Giri pergunta à Bela:

-E você, onde esteve?

Em resposta, Bela disse que circulou por diferentes lugares. Disse que no início, assim como Giri, viu-se perdida, mas logo se apoiou no seu interno e não duvidou de suas propostas. Não escolheu lugares. Se algo lhe prendia atenção, parava para conferir o que havia de interessante.

Disse a Giri que o primeiro lugar que entrou foi em uma danceteria e lá observou o comportamento dos jovens. Alguns, alegres, se divertiam sadiamente; dançavam, riam esbanjando os encantos da juventude. Outros, eufóricos, excediam-se na bebida alcoólica, extrapolavam no comportamento, numa perda de energias descomunal. Músicas eletrizantes, malhação física e descontração.

Giri questiona:

-Bela, o que você viu de errado na danceteria?

Bela explicou a Giri que não buscou o certo ou errado, apenas o que iria acrescentar para o trabalho.

E seguiu dizendo:

-A perda de energias e a inconsciência podem causar graves problemas.

-Querido Giri, temos que acelerar nossa garimpagem e partir para nossas práticas. Nossa proposta nasceu na vontade consciente de ajudar a humanidade. Com as nossas buscas, adquirimos forças para o direcionamento da emanção energética através de nossas práticas. Vamos ajudar o mundo emanando energias direcionadas, com consciência de causa; e não jogá-las a esmo, pois se assim o fizermos, poderá causar efeito contrário. Sabe aquele ditado: “Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece”. É bem por aí.

-Afinal, nós dois, somos o que sobrou do grupo. Seria mais produtivo e ganharíamos tempo se sássemos juntos.

Giri aprovou a decisão de Bela e sugeriu reservar a copa da figueira para o aconchego e local para as práticas. Bela achou ótimo.

Ambos tinham a mesma linha de pensamento, por isso, às vezes, iam direto ao assunto, pareciam pensar e sentir as mesmas coisas.

Bela conta que esteve em um hospital e nele viu cenas horríveis e que tudo ocorreu logo no primeiro dia das buscas.

Disse que, em meio à agitação do hospital, um casal lhe chamou a

atenção. A mulher trazia algo, nas mãos, coberto com uma toalhinha branca. Supôs tratar-se de uma visita de caráter religioso. Os dois não paravam ante as situações deploráveis vistas pelos corredores e, mantendo a tranquilidade, dirigiram-se diretamente à UTI. Feitos os procedimentos relativos à assepsia, com autorização da família, a mulher entrou primeiro. Bela disse ter visto que ela carregava um cálice e que a mesma embebia um chumaço de algodão no líquido nele contido e passava nos lábios do adolescente enfermo. Assim que a mulher saiu, o homem entrou para fazer suas orações.

Bela relata que, quando o casal deixou o espaço reservado à UTI, foi praticamente arrastado pela mãe do adolescente até o quarto, reservado e próximo dali, e que, em prantos, desabafou sua dor: não suportava mais ver seu filho sofrer e perguntava ao casal o que ela teria que fazer para livrá-lo do sofrimento.

Bela diz que sentiu a força ativa de Deus se manifestar naquela prática religiosa. A mulher, envolvida no amor consciente, fita os olhos da mãe desesperada e diz:

-Simples. Quanto mais rápido você compreender o porquê do seu filho estar passando por essa situação, mais rápido dela ele sai.

Condolente, o casal deixa o quarto e, nele, a mãe chora, chora muito. Esvaídas suas energias, a mãe, ainda em soluços, clama por piedade e compreensão. Recosta-se à cama e adormece.

Bela continua e diz que permaneceu o tempo todo no hospital e que isso aconteceu no período da manhã.

À tarde, o casal voltou e encontrou a mãe mais calma. Sentados em um sofá, na sala de espera, a mãe contou que, após eles terem saído, adormeceu e ao acordar foi até a capela do hospital e lá, de joelhos, que não os dobrava há tempo, pediu perdão a todas suas faltas cometidas. Disse que passou, como um filme da sua vida, cenas desde a infância até os dias atuais e, em cada cena, reconheceu suas faltas e pediu perdão. O casal, satisfeito, vendo a mãe mais aliviada, pediu permissão para ver o paciente.

Bela diz que, assim como todos, também ficou surpresa e radiante de alegria quando viu o adolescente mexer os lábios ao ser passado o chumaço de algodão embebido no líquido do cálice.

A mãe, pelo vidro, vibrou de emoção.

No dia seguinte o rito se repetiu e a mãe já via seu filho balbuciar.

-Quando me despedi, diz Bela, ouvi o médico dizer à mãe que um milagre ocorreu. Que dentro em breve, o filho iria para o quarto.

-Giri, você não imagina o quanto aprendi e como valeu a pena ter estado naquele hospital.

Giri deixa transparecer a satisfação em aprender com as buscas de Bela que também se mostra atenta ao que o amigo entrega e Giri retoma o seu relato quando diz que, com os conhecimentos adquiridos na aula de física, julgou-se em condições de compreender as atitudes do humano e saiu a andar pelas ruas da cidade.

Refletindo sobre tudo que aprendeu, viu sobre o telhado de uma casa uma ave grande, que parecia estar paralisada, o que lhe chamou atenção.

Diz Giri que, num relance, vem à memória a passagem do mestre que após ajudar o andarilho atravessar a rua, olhou para seu discípulo que estava com ele, e diz: -“Olha eu aí”. E o discípulo, entendendo que era uma chamada à reflexão, questionou consigo mesmo onde estaria, no mestre, o andarilho, que certamente estaria nele também, que lhes chamou atenção, visto que, se não tivessem que aprender algo com aquela situação, o andarilho não seria notado.

Giri diz que atravessou a rua e bem próximo àquela casa, ao ouvir algo parecido a uma discussão, entrou com o intuito de, com suas práticas de emanar energias, prestar ajuda. Na verdade, era a mãe que, aos gritos, tentava conscientizar a filha que o traje, calça jeans bem justa e uma blusinha curta, não estava adequado para um encontro religioso. Irredutível, a filha rebatia as críticas, feitas pela mãe, com rebeldia: -Nada a ver, mãe; a maldade está dentro da senhora e das pessoas que não perdem a mania de criticar; nós, jovens, somos sinceros. Inconformada, a mãe não entrega os pontos, procura acalmar-se e diz: -Filha, eu torço pra que você, ainda na juventude, compreenda e apiede-se das pessoas que estão em busca de um alento. Não queira facilitar aos ladrões o roubo da consciência.

Continuou Giri dizendo que: à noite voltou à Universidade, como quem volta para buscar a compreensão do que havia presenciado durante o dia.

Entrou em uma das salas de aula e assistiu um pouco sobre propagação de ondas; o suficiente para entender como agem os ladrões que estão em nós.

Bela continua a ouvir o amigo Giri; este seguiu dizendo que no dia seguinte, logo pela manhã, sentindo-se como se fosse uma peça de xadrez, movida pela divindade, saiu e quis buscar uma escola de ensino médio. De repente, guiada pelas intuições, estava frente ao portão da escola. Pelo barulho, percebeu que estava na hora do recreio. Diz que entrou e lá participou de algumas brincadeiras das crianças. Mas, uma delas, como quem clama por socorro, chamou-lhe atenção. Resolveu monitorá-la.

A pobrezinha era muito magra, por isso, os demais se achavam no direito de exercer o bullying, vomitando toda educação vinda de casa condizente à estrutura familiar, chamando-a de caveira. Giri diz a Bela que, pelo que asuntou, as atitudes dos alunos devia ser uma prática rotineira, pois, observou que havia algumas professoras rondando pelo pátio, riscando os olhares para o movimento lamentável. Giri alega que de volta à sala, onde a idade dos alunos girava em torno de dez a onze anos, reconheceu que a professora titular da classe, era uma das que disfarçavam ao andar por entre os alunos na hora do intervalo. Uma professora jovem de traços orientais.

-Vibrei muito, naquela hora, a favor da professora, diz Giri.

Segue contando a Bela que: a professora, com uma postura de quem fosse aplicar uma prova de surpresa, firmemente, diz a todos que pegassem uma folha do caderno de desenho. Todos obedeceram. Com muita calma e sabedoria disse à classe que resolveu dar um trabalho e que, na avaliação, as três melhores notas, poderiam substituir a nota de prova, que já estava marcada. Dando a opção ao aluno de fazer a prova e escolher a nota, ou simplesmente não fazer a prova e ficar com a nota do trabalho.

Acharam o máximo, principalmente vindo de uma professora que tem a fama de ser uma das mais rígidas da escola.

Querendo se livrar da prova, considerada difícil, encararam o trabalho e cada aluno deu o melhor de si.

Passada a euforia provocada, momentânea, atentos ouviram as instruções dadas pela professora:

-O trabalho é individual, diz ela. Vocês têm quinze minutos para pes-

quisar sobre o significado e falar sobre Calvário ou Gólgota (em aramaico). Podem recorrer ao dicionário, à biblioteca da escola, têm permissão para usarem os computadores, devendo manter a ordem, visto que, eu conto com os monitores e o comportamento também incide no peso das notas.

-Como parte integrante do trabalho, vocês devem anexar à folha de desenho, uma folha de papel pautada e, no máximo em quinze linhas, discorrerem, com suas palavras, o resultado de suas pesquisas e, devendo, na folha de desenho, fazer um desenho que expresse algo que ficou como resultado de suas pesquisas.

-Então, o trabalho consiste em pesquisar sobre Calvário, ou, Gólgota, escrever com suas palavras o que entendeu e desenhar o que pesquisou. Podendo no verso da folha de desenho, ou mesmo no rodapé do anverso, postar algo muito particular, uma mensagem, por exemplo, inserido no contexto.

-Feita a pesquisa, vocês têm até o término da aula para entregarem o trabalho pronto. Quem terminar antes, por favor, em silêncio aguarde, no pátio, o sinal.

Como formiguinhas em busca de alimentos, via-se o movimento dos alunos compenetrados em seus trabalhos.

Funcionou como uma competição acirrada com prêmios até o terceiro colocado.

O tempo de aula foi passando e a professora, ao andar por entre as carteiras, notou que a maioria dos alunos já terminara o trabalho, mas, permaneceu na sala até o término da aula. Uma névoa parecia invadir a sala nos instantes finais. Terminada a aula e recolhido os trabalhos, todos saíram cabisbaixos com um sufocado até amanhã.

De posse dos trabalhos, a professora foi ter com sua diretora que decidiu avaliar o resultado junto com outros professores, visto que, as atitudes dos alunos não só a de rotular aquela coleguinha de classe, como também, o comportamento dos demais, no que concerne ao bullying, já foi pauta de várias reuniões.

Marcaram para o período da tarde a correção e avaliação do trabalho proposto.

Era urgente o trabalho de correção. Um total de 30 trabalhos a serem corrigidos.

Coordenadas pela professora dos alunos, outras ajudaram na correção.

Parte escrita:

No geral, todos se prenderam às palavras determinadas para o trabalho. A avaliação se deu pelo conteúdo e pela forma correta e coerente de redigir a descrição.

Desenho:

Todos, sem exceção, desenharam uma caveira, apenas a cabeça da caveira. Poucos desenharam, além da caveira, um morro, ou monte, com as três cruzes que reproduz o quadro da crucificação de Cristo.

Mensagem particular:

Surpresas que levaram os professores às lágrimas incontidas. Os dizeres mais comoventes foram os atribuídos à garota magérrima.

Uma das professoras, que estava na correção, comentou que não conteve a emoção ao imaginar como se sentiu o aluno, ao projetar através do desenho, o significado da palavra que utilizava para provocar humilhação à coleguinha de classe e felicitou a professora pela estratégia utilizada para conter e promover a conscientização sobre bullying.

Terminada as correções e a avaliação de difícil escolha, adotou-se um critério de nota que atendesse ao intento do trabalho.

Fizeram-se as honras aos três primeiros colocados; além das notas programou-se a publicação no jornal da escola de repercussão estudantil.

No dia seguinte à correção, a professora rígida, chegou mais cedo à escola e afixou os trabalhos na parede da classe contornando as carteiras.

Os alunos, ao adentrarem à sala de aula, foram surpreendidos ante a exposição dos trabalhos. Cada qual queria ver e apontar o seu. Dado um tempo à apreciação, a professora pediu para que todos se acomodassem em suas carteiras.

Iniciou seus comentários parabenizando os três de maiores notas, fixados acima da lousa. Expôs os critérios utilizados na escolha e avaliação

e foi decidido atribuir aos demais, pela participação e empenho, um acréscimo de meio ponto a ser somado à nota de prova.

Felizes, com o resultado, puseram-se atentos à fala da professora que liberou câmeras e celulares permitindo registrar os resultados dos trabalhos. Em seguida, pediu um tempo para que ela pudesse tentar reproduzir na lousa o desenho do primeiro colocado. Ao reproduzi-lo trocou os dizeres do rodapé pelos de um dos trabalhos, não classificado, afixados na parede. Então, ficou o desenho do primeiro e, no rodapé: “Espero que você me perdoe”.

Enquanto desenhava na lousa, os rumores, recomendações para postar no facebook, e os flashes ferviam pela classe.

Voltando-se para os alunos, a professora, sabiamente, conclui o trabalho apontando a réplica na lousa, com a intenção de, através do desenho, conduzi-los à reflexão de suas palavras que foram:

-Agora que já sabem, sempre que ouvirem ou pronunciarem a palavra “gólgota”, automaticamente, virá em suas mentes a imagem de uma caveira.

-A imagem comum que uma pessoa visualiza ao se referir a uma caveira é a cabeça de uma caveira e todos, sem exceção, a desenharam.

-O que mais chama a atenção e define como sendo caveira, é a parte que compreende os olhos, nariz e boca.

-A representação do calvário, monte das caveiras, onde Jesus foi crucificado é expressa pelas três cruzes, sendo: as das laterais atribuídas aos dois ladrões e a do meio a Jesus.

-Pois bem, ao circularmos o desenho que representa a crucificação teremos algo parecido à caveira, onde, as duas cruzes laterais representam os olhos da caveira e a cruz central o ponto entre o que seriam as duas sobrelhas, indicado por muitos como sendo o ponto da consciência desperta, o terceiro olho.

Instigou, com leveza, o raciocínio usando termos matemáticos, e seguiu:

-Os olhos estão para os ladrões, assim como o ponto, acima do nariz, está para a consciência.

-Sendo que os ladrões podem nos roubar a consciência; são sutis e agem inesperadamente, por isso, devemos estar sempre atentos à nossa consciência.

-Se quisermos estar despertos, temos que vigiar os ladrões que agem através de nossos olhos com os cuidados no que olhamos. Os que buscam despertar a consciência estão voltadas para o interior das pessoas e não pelas aparências físicas.

-Ao rotularmos uma pessoa pelas aparências, estamos dando guarida aos ladrões, deixando que atuem através de nossos olhos e roubando, por desafeto, a paz alheia e nos juntando à inconsciência coletiva que em ondas se propagam e nos deixam à mercê das violências.

-Que o resultado deste trabalho não se prenda somente às notas, mas também às nossas consciências.

-Queridos alunos, quiséramos que todos juntos, aprendêssemos sobre propagação, e muito antes de nos tornarmos caveiras, cuidemos dos pontos para os quais a própria nos remete e, pela boca, proferir palavras de amor; pelo olfato, buscar o aroma da natureza; pelos olhos, contemplar o belo que contribuirá para formar, através de nossas íris, um arco, como uma ponte de amor entre a consciência e os homens, e que nesse “Arco de íris” permaneçamos.

Após dar ênfase à consciência e ao amor, a professora abriu para os alunos a oportunidade de expressarem-se sem fugir do tema.

Outro inesperado: foi unânime a atitude de não falar e sim de agir.

Todos, emocionados, abraçaram a menina magra e trocaram afetos.

A professora e os alunos cantaram uma canção que fala de amor.

Foi um dia daqueles em que pode se dizer que: valeu a pena ensinar.

Satisfeito, Giri diz a Bela:

-Como é bom aprender.

Giri e Bela decidem ir a campo juntos e saem em busca de aprendizado.

Antes, brincaram como crianças inocentes.

Pairam por entre as flores, despedem-se da copa da figueira, sabem que o retorno não será breve.

Pondo fim à brincadeira, deram-se conta que estavam embrenhados em uma floresta.

Envolvidos nos encantos da natureza, por ela deixam-se conduzir.

Guiados pelo vento, chegaram a um recanto de beleza ímpar. Grandes pedras que, com o tempo, ajeitaram-se no entorno do pequeno lago. Alimentado pelo jarro que do alto serpenteava suas pratas geladas, seduz ao banho do corpo e alma.

Bela e Giri, encantados com tanta beleza, pousam em uma das pedras e dela contemplam aquele primor da natureza.

Giri, ao perceber que Bela, em meio às brincadeiras e momentos contemplativos, deixa transparecer certa tristeza e preocupação, indaga o porquê dela estar meio que febril. Respondendo, Bela diz não ter relatado algo que viu durante a sua estada no hospital e que a estava incomodando. E segue dizendo que a princípio, num vacilo, julgou que aquela cena deveria ser descartada, embora saiba que, no trabalho, tudo que chama atenção merece consideração, mas tem ciência que a cena, que reportou a imensidão da maldade humana, veio para intensificar o trabalho ao qual se propuseram e Giri quis saber o que viu de tão alarmante.

Bela diz:

-Quando estava no corredor do pronto-socorro do hospital, um senhor, na cadeira de rodas, acompanhado pela esposa, com uma das pernas esfacelada, se contorcia em dores. A esposa ao lado não esboçava piedade. O homem urrava, comovendo a todos, tanto que uma jovem senhora, inconformada, ante a passividade da esposa, questionou, diretamente, como é que ela sendo esposa conseguia manter-se calma. O que presenciei foi muito triste e requer reflexão. A esposa esbravejando, sem piedade, disse em alto e bom tom:

-Sabem? Com essa perna aí, com essa mesma perna que está para ser amputada, esse homem que sempre teve uma vida abastada, sem motivos para revolta, com essa mesma perna, acidentada, chutou um cãozinho dócil até a morte. Eu apenas estou fazendo o meu papel de companheira em trazê-lo até o hospital, e seguiu dizendo, olhando para a jovem, mas dó eu não tenho não!

-Foi aí que resolvi seguir o casal que me mostrou outro lado do humano; diz Bela, e completa:

-Amigo Giri, às vezes a impotência me resvala.

Giri, com o maior dos ombros a conforta:

-Amiga, aprendi com você sobre tenacidade.

-Somos quatro aventureiros, embora estejamos em planos diferentes, mas, ainda somos quatro.

-Você percebeu Cema por aqui? pergunta Giri à Bela.

Antes que Bela respondesse que sim, Giri já estava apontando o lago e confirma:

-No lago.

-A energia de Mima também paira por aqui e nos acompanhará sempre.

-Portanto querida, não estamos sós e não devemos nos esquecer que nosso trabalho está voltado para os inconscientes. Sabemos que ajudar no despertar da consciência é um árduo trabalho que requer vencer o mais turbulento dos rios.

Bela não se contém e diz a Giri que também percebeu nele uma preocupação durante o caminho pela floresta e questiona se foi apenas uma impressão ou se Giri tinha algo a dizer.

Giri brincou em palavras quando disse:

-Temos muito em comum. Também não relatei algo que passou a roubar minhas atenções. Na noite do dia do desfecho fantástico dado pela professora de traços orientais, na energia do saber, fui encaminhado, pela Providência, a um grupo de estudos de pessoas determinadas, dentre outras proposta, em deter a força do mal que, na crista da onda, se propaga pela terra.

Bela indagou se Giri conseguiu descobrir no que consiste o trabalho do grupo.

-Pelo que assuntei, diz Giri, é um grupo de pessoas que se dedicam vinte quatro horas, visto que, moram no local, onde atuam, abdicaram da vida social para, no tempo integral, estarem a serviço da humanidade.

-Dentre eles, nessa labuta, estão físicos e matemáticos, médicos, psicólogos, enfim, pessoas de conhecimentos diversos e renomados em suas especializações.

-Buscando entender o trabalho deles, compreendi o nosso e pude, na imaginação, avaliar quantos grupos estão espalhados com o mesmo fim, tentando despertar a consciência para combater o que nunca esteve adormecido.

-Naquele momento, senti-me o menor dos seres ao me lembrar do meu egoísmo, logo no início, e que você, Bela, fez-me enxergar.

Bela questionou Giri, no que consiste o trabalho daquele grupo que se dedica com tanto afinco.

Giri responde:

-Quer voltar no tempo, descobrir a origem da maldade, quando e porque se instalou na mente humana. Acompanhar sua evolução e saber em que ponto ganhou força e revertê-la, aterrando-a.

Bela animou-se e quis saber de Giri se ele percebeu como vão conseguir tal façanha, se é a nível energético ou alguma pesquisa no campo da física, afinal, o que ele viu de interessante.

Giri diz que teve vontade de ficar mais com eles, mas, tinha o compromisso de voltar à figueira; curioso, varou a madrugada bisbilhotando e saiu encantado e esperançoso com o avanço das pesquisas elaboradas pelo grupo.

-Por que a preocupação ao invés de entusiasmo? Questiona Bela.

Giri responde:

-Você já viu algum invento ser utilizado somente para o bem?

Bela insistiu:

-Então, é algo concreto que eles estão inventando?

Giri:

-O que pude ver, diz Giri, é que eles também se baseiam nos estudos estelares, comprovados, em que contemplar o céu é o mesmo que olhar o passado das estrelas, pois, muitas delas, talvez não existam mais, visto que, pela distância, o que pode nos chegar é a imagem de uma estrela que não exista. Se invertêssemos de posição, estando nós num ponto estelar ao olharmos para a

Terra, estaríamos vendo-a no seu passado. Então, em que ponto teríamos que estar para enxergar, por exemplo, a terra há dois mil anos?

Para afastar as preocupações, Giri brinca dentro do contexto:

-Sabe que tive esperança de conhecer meu tátara-tátara-tátara-avô?

Entrando na brincadeira Bela retruca:

-Não me diga! Se o conhecer, apresente-me

Rindo, aproveitando o momento de descontração, Giri confessa a Bela que, algumas vezes, sentiu-se como um verdadeiro Judas Escariotes, de posse do seu script, preparando-se para entrar em cena no palco da vida, com a incumbência de representar o papel de um personagem repugnante, tanto que, o público não o separaria do ator e o amaldiçoaria até os confins da eternidade.

-Serei achincalhado, diz Giri, rotulado por sapo sarnento, alvo de magias escabrosas, mas, suportarei a tudo com o amor dos que me reconhecerão dentre a natureza e quando eu estiver no lago sobre folhagem entoarei poderosos mantras invocando luz aos inconscientes.

Bela retribui o conforto, ao expressar-se com um sorriso, dizendo que a molecada chama sua espécie de lava-bunda; nem por isso se aborrece e nem pode se igualar aos que não sabem para que servem suas grandes orelhas, quanto menos saberão como se dá o processo de reprodução da sua espécie, e ironiza:

-Se bem que tem aquele que poderá dessecar-me e me usar como marcador de livros.

Giri completa:

-Espero que sirva para marcar um bom livro.

E riram, riram muito.

Estavam dispostos a prosseguir no caminho, quando observaram a chegada de algumas pessoas.

Atinaram, pelos indícios, que o local estava preparado para alguma prática. Deduziram que não era a primeira vez que isso iria acontecer e não se arredaram dali.

Na clareira perto do lago, notório espaço para acomodações, as pes-

soas, num total de cento e oito, homens e mulheres, juntaram-se para ouvir as instruções sobre o andamento dos trabalhos. Provavelmente tiveram hora marcada, pois, rapidamente, o local ficou repleto.

Todos trajavam túnica de cor azul e chamavam um ao outro de: irmão e irmã.

Em harmonia, trabalharam o local para torná-lo em condições de acampamento.

Nas mulas, trouxeram, além de víveres, materiais para montagem das latrinas e lonas para os locais de banho e o fizeram junto aos filetes da cachoeira; havia também materiais de primeiros socorros e outros.

Pode-se notar a presença de pessoas experientes auxiliando no processo de montagem.

Sem precisar de ordens, o preparo da base saiu a contento.

Enquanto os integrantes do grupo tomavam o banho de cachoeira, Bela chega próximo a Giri e diz:

-Meu querido amigo e adorado Giri, nossos sentimentos se igualam. Percebemos as energias de Cema e Mima que estão a nos ajudar. Estamos juntos nessa caminhada e prestes a ficar no mais íntimo de nosso ser. Não foi por acaso que aportamos à natureza e nos juntamos a esse grupo, com ele vibrando na mesma sintonia, e talvez possamos emanar amor à humanidade. Quero que saiba, meu amigo, que você foi o melhor presente da minha existência e quando estivermos na luz do sol, quero bailar, refrescá-lo com o vento produzido pelas minhas asas e tocá-lo de leve antes que eu me acabe numa espalmada vil.

-Eu a reconhecerei, minha doce Bela. Terá o meu acalanto para acomodar-se na mais bela flor do lago, no verdadeiro aconchego que tanto almejamos aos humanos.

Embragados de amor, Giri e Bela se entregam à proposta do grupo.

No entardecer, já haviam chegado todas as pessoas que iriam participar daquele trabalho.

Giri tece um comentário à Bela sobre a certeza que tem de que um dos participantes é o conselheiro Pedro, do relato de Cema, e levou com ele quatro pessoas que já participavam do seu grupo há tempo, três homens e uma mulher, o que se deduziu não ser Nina nem Ana.

Sob orientação de um senhor de meia idade a quem todos rendem obediência e respeito pela sua experiência e dedicação ao grupo, inicia-se o trabalho de lapidação interior e ajuda à humanidade.

Acende-se uma fogueira no centro da clareira defronte ao lago; todos, após a refeição, acomodam-se ao redor dela para ouvir o senhor de meia idade que todos chamam de Professor.

O Professor, após cumprimentos, dirige algumas palavras ao grupo:

-Mais uma vez, deixamos a vida urbana e nossos familiares para estarmos aqui, em contato com a natureza, em busca do caminho interior. Saliento que dentre nós não existe alguém que se destaque pelo nível de ser, portanto, estamos aprendendo e acreditamos que, com nossas práticas, estaremos em condições de receber boas vibrações e de poder compartilhá-las com os nossos semelhantes.

O trabalho teve início, nesta quinta feira, com a nossa chegada a este local, que é especial para nós, e se estenderá até a tarde de domingo quando, conscientes, procuraremos deixá-lo nas mesmas condições que o encontramos.

-Acredito que todos foram orientados e não estão aqui em busca de um lazer ou uma aventura na selva, e sim, vieram buscar, na força da natureza, enfrentar-se a si mesmo.

-Por se tratar de três dias de pura entrega, achamos por bem restringir a participação somente às pessoas que participam já há algum tempo dos grupos de estudos, pois, acreditamos que comungam com a mesma linha de pensamento. Isso não nos confere uma melhor posição.

-Aos novatos, que somam vinte pessoas, nossos desejos de boas vindas e em caso de dúvidas cada qual procure saná-las com o orientador do grupo ao qual pertence.

-As tarefas serão atribuídas aleatoriamente às pessoas que se lançarem de acordo com a necessidade ou a vontade de realizá-las.

-Devem ficar atentos a todo movimento e saber que cada passo deve ser analisado, pois, nele pode estar contido um ensinamento.

-Eu costumo citar, como exemplo de alerta, uma participação minha em um movimento de proposta semelhante a este, onde, tocou a uma amiga a tarefa de proceder a limpeza de um lago existente no local. Seu trabalho con-

sistia em arremessar um anzol, preso a uma linha de nylon, para atar as plantas aquáticas nocivas aos peixes e conforme ia puxando, junto, vinham grande quantidade de capim e demais sujeiras. Dizia essa minha amiga que, conforme ia limpando o lago, visualizava a limpeza interna e disse-me que sabia bem do que se tratava. Esse relato levou-me a refletir sobre as bases do meu trabalho e ajudou-me a entender as vezes que tocou para eu lavar as latrinas e as outras em que estive no preparo dos alimentos.

-Costumamos ser pontuais no cumprimento de nossas tarefas e, realizá-las com amor, nos faz sentir responsáveis por elas.

-Todos foram orientados a trazerem materiais de uso particular, tais como: repelente, lanterna e outros. Espero que no grupo não tenha a presença de algum inconsequente que queira lançar-se à aventura durante a noite, e a todos fica um alerta para que não se dispersem também durante o dia. Estejam sempre próximos, uns ao outros, respeitando o silêncio de cada um.

-Acredito que os casais que aqui estão foram orientados e sabem o porquê de não ser permitido a prática sexual durante o período de nosso trabalho. A eles, peço a colaboração para que emanem suas energias para o campo vibratório e juntos consigamos a potência necessária para fazer expandir e atingir nosso objetivo.

Sempre inculcando o ensinamento na orientação e abertura dos trabalhos, segue procedendo a distribuição de tarefas:

-Precisamos de oito homens para fazer a vigia da fogueira durante todo período do trabalho, dividindo-se em grupos para o revezamento.

Conhecendo os procedimentos, oito pessoas, todos homens, se lançaram ao trabalho de vigia e após o responsável anotar os nomes e a incumbência, o professor agradece em nome de todos e fala sobre a importância de se manter a chama da fogueira acesa.

-Em nossos estudos, costumamos citar o fogo físico para visualizar e entender a força que atua em nós, seja ela boa ou ruim. A força, assim como o fogo, depende da nossa conduta para ser definida como boa ou ruim. Combustível e comburente são elementos necessários para, através de nossa manipulação, fazer o fogo se mostrar no plano físico e, ele será bom ou ruim dependendo do controle que tivermos sobre ele.

-Tal como o fogo, manipulada pela nossa mente, a força se mostra como sendo o bem ou o mal através de nossos atos e sentimentos. O objetivo do trabalho de conscientização é fazer com que a força flua para o caminho do bem. Muitas vezes, não nos damos conta que fomos arrastados pelos desejos e, para sairmos do emaranhado em que nos embrenhamos, necessitamos recorrer às forças superiores.

-A pessoa que se dispõe a fazer este trabalho já deve ter no seu interior a consciência sobre a seriedade da proposta que é de emanar luz à humanidade. Entendemos que a maneira de desobstruir os canais para que a luz flua e se expanda pelo universo é através da lapidação interior, transmutando os defeitos psicológicos que turvam a luz que há em nós e este local nos dá condições, por estarmos isolados e protegidos pela natureza, de fazer nossa introspecção.

-Cabe a cada um o valor de enfrentar-se.

-Tal como a chama que arde em nós, a fogueira deverá permanecer acesa, vigiada e controlada. Daí a importância dos colaboradores.

Aproveitando os minutos de pausa, Giri e Bela trocam expressões de entendimento.

O professor segue com a distribuição de tarefas:

-Precisamos de sete pessoas para proceder, em todo período, a limpeza das latrinas e arrumação do ambiente, mantendo o conforto e a higiene do local.

Antes de terminar o anúncio, sete pessoas, quatro mulheres e três homens, já estavam de prontidão à tarefa, e, satisfeito com a disposição à entrega, o professor comenta:

-Neste momento, vem à minha lembrança, o dia em que eu participava de um movimento de busca interior onde uma pessoa, também participante, questionou o porquê, toda vez que ela participava do movimento, tocava para ela a incumbência de lavar as latrinas, e queria saber o que isso significava. O instrutor, serenamente, dirigiu-se a ela dizendo que ele não via diferença nenhuma entre lavar as latrinas e escrever um livro. Confesso que me pus a refletir sobre o ocorrido.

-Sugiro que todos busquem as respostas, sobre suas possíveis perguntas, dentro de si. Ornamentar e tornar belo o local é uma maneira de expressar o amor aos irmãos.

Quatro pessoas determinadas a comandarem o preparo dos alimentos pedem quatorze voluntários para juntarem-se a elas.

Definidas as dezoito pessoas, nove homens e nove mulheres, para atuarem no preparo e distribuição dos alimentos, o professor ao explicar sobre a importância de sutilarizar o corpo físico através de uma alimentação leve e saudável diz que temos que estar conscientes de que vivemos em meio a constantes transmutações; que a natureza nos mantém com suas transformações; devemos gratidão ao reino vegetal que, através da fotossíntese, nos dá condições de viver; à terra que nos provê alimentos e a cura dos nossos males físicos.

O professor segue com as orientações e diz:

-Durante nossa permanência por aqui, teremos a satisfação de receber saborosas refeições sabendo que vêm de uma habilidosa alquimia em que os bons alquimistas, nas misturas dos ingredientes, nos brindarão com a mágica do sabor. Busquemos imitar os incontáveis grupos que se dedicam à prática de preparar, com amor, sopas e outras refeições para serem distribuídas aos andarilhos que, temporariamente, estão por aí colaborando para o exercício da entrega. É a eles que se deve agradecer a oportunidade de encontrar a palma da mão estendida para cima.

Versando ainda sobre transmutações:

-O que não conseguimos perceber com um dos nossos cinco sentidos, nos apresenta como sendo uma mágica. Através da tecnologia, podemos acompanhar o surgimento de qualquer ser, mas a força que permite que isso aconteça não a mensuramos, apenas sabemos que nela está contida a magia dos acontecimentos e que a mágica também ocorre em nosso corpo físico quando os alimentos se processam e, sabiamente, encaminha à cada célula o que ela necessita para sua subsistência.

-Cientes das transmutações que podemos visualizar ou sentir, versamos em nosso encontro sobre as transformações dos defeitos psicológicos sem as quais não poderíamos avançar em nossos trabalhos.

-Temos o controle sobre a escolha dos alimentos e água que ingerimos, do ar que respiramos e buscamos sempre o de melhor qualidade para termos uma vida saudável. Se não ficarmos atentos, poderemos ingerir alimentos estragados, água contaminada e respirar um ar poluído e estaremos

sujeitos a doenças que, se acontecerem, teremos que recorrer aos medicamentos para reverter esse quadro.

-Percebemos as transmutações que ocorrem no plano físico através dos nossos cinco sentidos usuais: visão, audição, paladar, tato e olfato.

-Torna-se difícil explicar, a quem não se interessa pelo que ocorre além do físico, algo relativo à transmutação a nível energético. No entanto sofrem por sofrer. Buscam nas religiões o consolo para seus males, sem saber que as soluções estão dentro de si mesmas.

-Assim como os hospitais estão cheios de pessoas que adoeceram fisicamente, sendo que, muitas das doenças foram oriundas dos desleixos humanos, o mundo está repleto de doentes de alma.

-No campo da ciência a transmutação incide na conversão de um elemento químico em outro.

-Transmutar o chumbo em ouro é um termo que vem desde os tempos medievais. Simbolicamente, pelas características dos metais, os alquimistas medievais tinham o chumbo como representação do denso e o ouro representava o leve por ser um metal considerado nobre, precioso e bom condutor de energia. Fechado à chave e aberto aos pesquisadores de almas, os alquimistas medievais mantinham em segredo o trabalho sobre a alquimia mental de transformar pensamentos negativos em positivos, bem como da transmutação sexual que consistia em sublimar as energias sexuais, árduo trabalho comparado ao sonho de transformar o metal pesado no metal raro. Hoje, com o avanço da ciência, isso é possível, mas a ciência está em débito com o que está além do físico. Não detém e não descobre a maneira precisa de conter o avanço da desordem humana.

Com as dezoito pessoas assumindo suas posições, foi servida uma deliciosa refeição preparada pelos familiares dos participantes. O professor dá um intervalo e diz que, em seguida, retornará para terminar a distribuição das tarefas.

Giri e Bela comentam sobre as tarefas e não sabem ainda onde irão atuar. Bela diz que vai aguardar o final das distribuições para se posicionar e Giri diz que fará o mesmo. Aproveitam o tempo para circularem por entre as pessoas. Ao sentirem a presença de Cema circulando ao redor de Pedro e pelas conversas ouvidas dele com as demais pessoas do seu grupo, não

tiveram mais dúvidas quanto a ser ele o orientador procurado por Nina.

Aos poucos as pessoas foram se acomodando ao redor da fogueira para ouvir o professor que prossegue nas distribuições das tarefas e diz:

-A força do nosso movimento vem do interior de cada participante.

-Quanto mais nos lançarmos ao trabalho de lapidação interior, mais forças serão dispendidas, pois, nossos defeitos só servem para obstruírem os canais de fluxo energético e torná-los pérvios faz com que as energias fluam com intensidade e atinjam o alvo desejado.

Engajados nesse entendimento, vinte e um irmãos arrojaram-se em suas propostas e se dispõem a subirem a montanha.

As vinte e uma pessoas, quatorze homens e sete mulheres, todas, de posse de suas mochilas cheias de materiais listados, conferidos pelo colaborador encarregado, aguardam a orientação para o início da caminhada que compreende em subir o morro que, pelo fato de, durante o trabalho, se tornar tão íngreme aos que dele participam, é chamado de montanha; às vezes, pela proposta, de montanha da purificação.

Giri e Bela observaram que o orientador Pedro e um casal do seu grupo irão participar da subida à montanha.

Do local onde foi montada a cozinha, avista-se todo o pátio onde está a fogueira e bem atrás dela a cachoeira. De frente para a cachoeira, do lado esquerdo estão os acampamentos, saindo do pátio à direita tem uma trilha que conduz à montanha. Seguindo a trilha, rumo à montanha, do lado direito existe uma árvore muito grande, semelhante à figueira frondosa, e que os participantes denominam de catedral pelo fato de ser ali, aos pés dela, o local de intensas orações. Bela e Giri sentem-se como se estivessem junto à figueira frondosa. Mais adiante, quase aos pés do monte, há um riacho de águas cristalinas, um local convidativo às meditações.

O professor faz o fechamento da distribuição de tarefas:

Ao todo, somam cento e oito pessoas, sessenta e oito homens e quarenta mulheres. Ficou definido que: oito pessoas, homens, atuarão na vigia da fogueira; sete pessoas, quatro mulheres e três homens, ficaram com a incumbência da faxina, dezoito pessoas, nove mulheres e nove homens, com a

alimentação, vinte e uma pessoas, quatorze homens e sete mulheres, para a subida da montanha e as cinquenta e quatro pessoas, restantes, desempenharão o papel de guardiões, sendo que foram divididas em dois grupos de vinte e sete pessoas cada, dezessete homens e dez mulheres para cada grupo. O professor faz parte de um deles. Estarão atentos a tudo, a serviço dos irmãos no que necessitarem, circulando pela montanha e por todo lugar destinado ao trabalho. Monitorarão o cumprimento das tarefas ajudando no que for preciso, cuidando da ordem para que saia conforme o planejado. Enquanto um grupo de vinte e sete pessoas fica no monitoramento, o outro permanece na catedral em constante oração, fazendo-a apenas em pensamento, uma maneira de estar, no silêncio, por inteiro.

Feita a distribuição de tarefas, e repassadas algumas determinações e avisos, após pedir para que as pessoas não se dispersem do grupo e que busquem estar sempre em silêncio, respeitando o trabalho de cada um, o professor pede a uma das irmãs, do grupo da faxina, dirigir algumas palavras ao grupo.

Como de costume, antes de qualquer pronunciamento em grupo, alguns minutos de silêncio são feitos para que, no silêncio, as energias se harmonizem e todos possam compreender o que lhes é dito.

Com serenidade, a irmã traz algumas orientações referentes às atividades e à prática a ser realizada junto à montanha. Para ajudar aos que irão participar, expõe alguns fatos ocorridos com ela, quando vivenciou essa prática que teve como objetivo encontrar-se consigo mesma e reconhecer seus defeitos, prevalecendo o desejo ardente de eliminá-los e orienta:

“-Estamos todos reunidos porque comungamos com a mesma linha de pensamento e temos por ideal emanar luz à humanidade; para isso, dispusemo-nos ao trabalho de lapidação interior acreditando que, através das transmutações, estaremos em condições de irradiar luz e que em grupo será maior a intensidade”.

Fez algumas considerações: disse que existem vários campos de atuação; cada um dos irmãos deverá, dentro de suas tarefas, estar atento e tirar o máximo do aprendizado e que as pessoas que integram este movimento trazem os quesitos necessários a ele; trazem, por exemplo, o silêncio que é fundamental para a entrega absoluta. Na entrega absoluta, cada um pode ouvir a voz do seu mestre interior que irá orientá-lo no trabalho. As pessoas que estão empenhadas em transmutar seus defeitos, criam no seu entorno um vórtice de

proteção e estão aptas a distinguir suas intuições e, o fato de não duvidar delas, pode levar, quem as têm, a experiências particulares fantásticas.

A irmã diz ter observado que além dos novatos, houve pessoas que se lançaram a uma determinada tarefa pela primeira vez, e, em relação à subida da montanha, ficou feliz em ver aqueles que já participaram outras vezes e insistem na lapidação.

Naquele momento, disse que as atividades começarão para todos às 5:00h da manhã e se estenderão para alguns até às 20:00h.

Às 5:00h, todos deverão estar ao redor da fogueira para a oração em grupo. Terminada a oração será servido o café da manhã e, em seguida, cada um assumirá seu posto de atuação.

Com muito carinho disse:

“Existem vários locais demarcados e preparados para receber aquele que estiver precisando desabafar, confessar ou jogar para fora algo que lhe esteja incomodando. São algumas árvores e pedras que estão para lhes servir, receber seus descartes psicológicos e sustentá-los no arrependimento”.

Ainda sobre as atividades, disse que ao meio dia será a hora para o almoço e das 16:00h até às 18:00h será para banhos. Podendo ter exceções, quanto ao horário, de acordo com as atuações. Quem vai para a montanha tem uma rotina diferente, alimentação e o banho que serão feitos na montanha.

O trabalho da montanha é tido como o mais difícil e o mais desejado do grupo; nele os participantes assemelham-se aos peregrinos em busca de aconchego. Vencer a cada uma das estações, durante a subida, são os passos que se deva dar para galgar o topo. São sete estações consideradas de difíceis provas, onde, a vontade de transmutar os defeitos tem que ser mais forte que os estalos provocados pelo látigo da consciência. Entre uma estação de difícil prova e outra, há recantos convidativos ao descanso e à reflexão, consideradas estações de recargas energéticas. Ao todo somam vinte e uma estações.

Munida de energias e vibrando para que todos realizem seus trabalhos encerra suas orientações dizendo:

-Amanhã, às 9:00h, os vinte e um peregrinos devem estar reunidos junto à fonte “Senhora Luz” ou estação Sant’Ana, aos pés da montanha para dar início à subida.

-Aos peregrinos, desejamos que se mantenham firmes e consigam chegar ao topo da montanha. Sugiro que, durante a entrega de hoje, se apeguem aos seus mestres interiores e em suas proteções, invocando compreensão a cada passo a ser dado.

-Peço aos demais participantes que durante seus labores vibrem a favor dos peregrinos da montanha.

-Gostaria de falar de algo que eu me apegava quando passei pela experiência da subida à montanha; assim como recebi várias contribuições que me ajudaram, creio que será de grande valia aos que irão se lançar a essa difícil tarefa.

-“Toda vez que me sentia sem forças para continuar a subida, quando meus pés, cansados doíam, meu corpo, debilitado, parecia não aguentar, com minha mente na luta para vencer às forças opositoras que ordenavam para que eu largasse o trabalho e descesse a montanha, quase entregando os pontos, nessas horas, eu me apegava no meu interno, no cristal puro que todos nós levamos dentro.

-Às vezes, no ápice dos meus sofrimentos, passavam, pela minha mente, cenas horríveis que assisti pela televisão e que ficaram impregnadas na minha memória como um toque de acusação pelo que está acontecendo com a humanidade. Naquele derradeiro, a voz que vinha da minha consciência perguntava-me o que é que eu tenho feito para ajudar a humanidade e se eu quero mesmo juntar-me aos que querem quebrar essa corrente de força de arrasto que está vencendo o bem e levando todos ao caos? Imaginei o desespero e o horror de quem já foi vítima, a angústia da mãe que perdeu o filho de forma brutal; pude sentir que meus sofrimentos eram mínimos diante das terríveis perdas; daí, eu me lembrava das minhas propostas e fazia prevalecer a minha vontade e, assim, seguia na minha caminhada.

-Então, digo aos peregrinos: quando suas forças se esvaírem, lembrem-se de examinarem suas propostas e façam valer suas vontades.

-A todos, meus votos de um bom e feliz trabalho.”

Com essas palavras, a irmã faz menção ao professor que entende que ela terminou de fazer suas considerações.

São quase 9:00h e está sendo preparado o local. Uma mesa e acomoda-

ções aos irmãos para dar início à prática que chamam de entrega, porque nela todos buscam entregar-se à consciência.

Enquanto ocorre a movimentação do pessoal no preparo do local, Bela diz a Giri que decidiu estar com os peregrinos na subida da montanha, pois sentiu que na montanha seria o lugar para entregar à humanidade o trabalho que se iniciou na copa da figueira, sendo que seus trabalhos coincidem com a proposta do grupo ali presente. Giri confessa a Bela que havia tomado a mesma decisão porque também entendeu que, além de prestar ajuda aos peregrinos com suas energias, o encontro com o grupo foi algo providencial. Giri diz ainda que está certo de que Mima e Cema concordam com suas decisões, pois, sente a presença das amigas e conclui que o grupo da copa da figueira está presente e pronto para se doar.

São 9:00h, fogueira branda e todos irmãos acomodados ao redor dela. O professor dirige algumas palavras ao grupo:

-Em nossos eventos, procuramos fazer emergir a gratidão, para nos condicionar ao trabalho de nossas almas, abordando temas ligados aos elementos da natureza.

-Neste momento, em que nos preparamos para bebermos o nosso chá, sinto a necessidade de expressar-me sobre o elemento terra. Talvez por eu ter presenciado, junto com alguns companheiros, uma queimada antes de vir para cá.

Ciente da necessidade de conscientização, enfatiza que: para quem almeja este trabalho, é imprescindível respeitar a natureza, ser grato, por exemplo, à terra e saber que dela vem o nosso sustento; que é nosso dever de humano preservar a natureza e, zelar pelas condições da terra seria a maneira de agradecer por tudo que ela nos dá. O reconhecimento que da terra vem a cura dos nossos males e os alimentos que saciam nossa fome nos leva ao respeito que devemos ter por ela.

A terra nos dá a vida e nos mantém. Dela, vêm as delícias dos variados sabores. Ajeita a nossa vinda e nos recebe de volta. De seus veios retiramos as matérias-primas necessárias às nossas vidas. Cuida das nossas aparências.

Abordando, ainda, sobre o elemento terra, o Professor segue dizendo:

-Não podemos olvidar-nos dos benefícios de cura que a terra nos dá.

Na infusão das ervas resultam aromáticos e deliciosos chás. Existem chás que são utilizados para a cura, como os que são servidos como bebida. Quantas mães ao virem seus bebês doentes, longe dos recursos da cidade, recorreram às poderosas ervas fazendo, com a infusão, chás para curá-los. São inúmeras as plantas medicinais. Conhecemos chás para curar males do corpo físico, para acalmar nossas ansiedades, por fim, para cada mal, tem sempre uma planta específica.

-Conta a história que em plena selva, seres de luz acercavam-se de duas plantas de real beleza. Um nativo da selva, contemplando aquele bailado, com a licença concedida pelos seres de luz, faz a colheita das duas plantas e, como mestre da infusão que era, preparou um delicioso chá de aroma divino que mais parecia um vinho, e denominou-o de “chá de luz” em alusão aos seres de luz.

-Ao beber do chá ficou embevecido com tanta beleza ao seu redor. Entrou nos encantos da natureza e seguiu a voz, que vinha do seu interior, que o conduziu ao vazio e nele ouviu o seu verdadeiro nome. Um nome impronunciável.

-Extasiado, desprovido do egoísmo, quis o nativo servir o chá de sua feitura a todos os povos da terra. Conhecendo seus limites, o nativo tratou de ensinar outras pessoas a fazerem o chá, e assim, de lábios a ouvidos, foi se passando a receita até chegar a nós.

-Quando ouvi essa história, diz Pedro, contada dessa forma, ficou-me a dúvida se o verdadeiro nome impronunciável seria do nativo que fez o chá, ou se seria do Deus todo poderoso. Essa dúvida fez com que eu buscasse nas minhas lembranças a explicação que recebi de uma amiga sobre o nome de Deus, em uma das vezes que ela foi à minha casa para dirigir-me estudos sobre a Bíblia.

-Explicou-me que a palavra Deus é um título ou a maneira de nos referirmos a alguém que julgamos ser o máximo para nós, assim como, por exemplo, professor, juiz, diretor e outros, são títulos.

-Quis me convencer quando disse que professor é um título, mas, aquele professor tem um nome; juiz, juiz também é título, mas, aquele juiz também tem um nome. Enfaticamente disse-me que Deus é um título, mas, aquele Deus criador do universo ao qual queremos nos referir também tem um nome

e reportou-me, segundo a sua religião, qual é o nome verdadeiro de Deus.

-Desde então, pus-me a pensar como estaria o mundo se todos soubessem e pronunciassem o nome verdadeiro de Deus e em quantas piadas e envoltimentos em negociatas dos mais variados fins o homem, sem temor, envolveria o nome de Deus.

-Quisera um dia que eu fosse digno de saber seu nome, mesmo que não me seja dado o direito de pronunciar-lo.

Com essas palavras de conscientização, todos foram convidados ao chá, “chá de luz”, que foi servido pelo professor, em taças.

Cada um, com sua taça, aguarda em silêncio o início das orações.

Um dos irmãos, encarregado de comandar a equipe que irá trabalhar no preparo da alimentação, fez as orações e os demais acompanharam em silêncio.

Antes de fazer a oração do Pai Nosso, convidou a todos a refletirem sobre as palavras da oração, e disse que no trabalho de busca, a oração do Pai Nosso expande a consciência e se abre para a interpretação íntima e pessoal, e, nesse momento, vem aclarar pelas palavras que somos todos irmãos, que temos a mesma origem: pai nosso e não pai meu; que santificado seja o vosso nome, que seu nome seja guardado, respeitado, impronunciável; reino é a sabedoria; seja feita a vossa vontade, vontade verdadeira; terra e céus, não só no tridimensional como em todas as dimensões; o pão nosso de cada dia, pão dos sábios, consciência, alimento da alma; ofensas e devedores, ação e reação; cair em tentação, erros, alimentar nossos defeitos; livrai-nos de todo mal. E rezou: Pai Nosso...

Terminadas as orações, todos beberam o chá e uma irmã recolheu as taças.

Em seguida o professor diz:

“-Os assuntos tratados em comunhão estão voltados à nossa consciência. Os ganhos são de nossas almas. Reservamos este momento para tratar de um assunto de extrema importância para o nosso trabalho, acreditamos no vórtice de energia que se forma neste local que nos levará à compreensão e nos protegerá das forças opositoras que nos acerbam. Estamos ligados no mesmo objetivo que é de emanar luz, energia, à humanidade.”

O professor aborda sobre a necessidade de conhecer as causas da violência quando diz:

-O paciente vai ao médico para curar a dor, porque não a suporta. O uso do medicamento sem conhecer a causa que originou a doença é um paliativo. Buscar a causa implica na cura da doença e, muitas vezes requer um processo investigativo.

-Estamos presenciando, por todo meio de comunicação, que o avanço tecnológico nos traz a proliferação dos vírus que atacam e adoecem a alma humana arrastando a raça ao caos. A violência nada mais é que a manifestação do vírus que se instalou na psique do homem tornando-o irracional. Não tem como erradicar a violência sem antes buscar as causas que a levaram à sua manifestação. Sabemos que a violência existe, o que não podemos deixar existir é a manifestação da violência. Assim como, não nos olvidamos do mal, apenas optamos estar na manifestação do bem.

-Buscamos entender os acontecimentos a nível energético. Sabemos que a maldade que se instala na mente chega pelos canais abertos e receptivos, visto que, estão livres, desprovidos de energias para afastá-la.

-Desde os tempos longínquos, o homem, na arrogância de se achar dono do seu comando, desafia as forças ativas e perde o controle dos seus pensamentos, ignora que neles se instalam o bem ou o mal. Deste então, vem perdendo energias, sendo que, pela fornicação ocorrem perdas de difícil compensação.

-No desperdício da energia criadora, sexual, fica o humano vulnerável às pestilências psíquicas, podendo tornar-se violento e asqueroso.

-Com o escoamento da energia máxima, através do coito bestial, pode ocorrer a invasão de forças devastadoras e o incauto desprotegido fica à mercê de suas manifestações.

-Uma força arrasadora que entorpece pelos desejos vem da luxúria que, detentora do prazer sexual, luta para ocupar o espaço da força criadora; para tanto, utiliza as mais sutis artimanhas para prender o homem em suas garras que, ludibriado, sofre e chora em sua prisão. A liberdade só é possível com o despertar da consciência.

Todos ouvem, atentamente, as explicações dadas pelo professor, que segue:

-Ao nos conscientizarmos sobre as causas que originam o sofrimento humano, em nossas práticas, direcionaremos nossas energias diretamente para livrar a humanidade das causas que dão origens aos sofrimentos.

-Aquele que vem para participar deste nosso encontro, além do conhecimento, deve aderir às nossas práticas para não chegar desprovido de energias e sugar as nossas reservas que se destinam a emanar luz.

-Para podermos imaginar os danos causados ou a efetivação dos atos a nível energético, achamos eficiente utilizarmos, na explicação, a comparação ou a suposição, cabendo ao adepto estar aberto ao entendimento.

-Imaginemos que todos os povos da terra vivessem em um espaço compreendido nos limites de um lago. Similar ao lago, a propagação se dá em ondas, visível no lago; assim sendo, se jogarmos uma pedra no centro do lago os efeitos da pedra se desencadearão em ondas e dependendo do tamanho da pedra a propagação se vai para o longe, podendo chegar à margem. A energia da luxúria atrelada à energia monetária, através dos meios de comunicação, arremessam seus poderes de sedução para o centro da população que, em ondas, se propagam e atingem a todos.

-Como um estigma, o sexo passou a ser a pedra de tropeço para a humanidade, devido aos danos que ele pode causar aos inconscientes. Sabemos que, por ele, através da magia, podemos chegar aos céus e sentir a força da criação e, enquanto criatura, podemos nos embriagar na taça do amor desejado.

-Mesclar-se à força da criação na prática da magia sexual é um sonho que o adepto a esta comunhão persegue, sabendo que é um prêmio que se dá a quem vence a batalha contra os inimigos psicológicos.

-A luxúria simplesmente existe: é a força indevida; o fogo mal utilizado; é o prazer momentâneo; é a inconsequência, o avesso do êxtase. Dependendo do nível de ser do humano que a manipula, ela se mostra tão sutil e com tanta classe, quanto grosseira e mundana, pois, ela simplesmente existe.

-As reações advindas das ações luxuriosas são inerentes à luxúria.

-Cada sentimento vibra em uma frequência e não tem como contrariar a lei de ação e reação. Também não tem como conter a força da luxúria que arrasta para os sofrimentos os que nela se envolvem.

-Querer elevar o nível de ser, através da lapidação interior, dando

um duro na batalha contra os defeitos dedicando-se às práticas para no fim ceder à luxúria, seria o mesmo que construir um edifício para que, no final da construção, o demolisse.

-Não tem como vencer as provas durante a subida da montanha sem energias contidas. Todos que se submeteram a subir devem saber de seus condicionamentos físicos e psicológicos.

-Neste momento, vamos nos entregar a mais pura reflexão até ouvirmos o som da sineta e, a partir do som, entrar na prática de emanar energias à humanidade através de nossas vibrações, devendo essa prática se encerrar à meia noite.

Enquanto todos estão entregues à prática, Giri afasta-se um pouco do local para ter com Bela um afável diálogo.

Giri:

-Minha doce Bela, permita me desculpar das brincadeiras que fiz; só agora, após tantos ensinamentos, avaliei como é que eu devo estar para seguir firme em nossa proposta. Lembra-se de quando brincávamos no bosque? Para vencer as brincadeiras, chamei-a de humana e você sequer retrucou, apenas com suas asas esborrifou água em mim.

Após essas palavras de Giri, Bela diz:

-Meu cururu, não se atormente. Você sabe que estamos para servir a humanidade que é a razão de nossa existência. Amanhã, tremularei minhas asas o quanto for necessário e sei que estaremos juntos, vibrando para que os peregrinos suportem suas provas e vençam a montanha.

Com as palavras de Bela, Giri sentiu-se aninhado e com seu sorriso maroto disse e ouviu um: “Até amanhã”.

Às 11:00h, ao som da sineta, todos põem-se a vibrar um doce silvo. Às pressas, utilizando a imaginação criadora, tratam de visualizar a luz que sai de seus interiores formando uma abóbada de luz incandescente e em pouco tempo o som se encaixa numa mesma altura passando ser um único e a mente não atua mais, apenas a luz, que em oração prévia foi dedicada

a consciência humana.

Por uma hora, esses guerreiros, na floresta, se dedicam à humanidade despendendo seu amor em luz à consciência humana.

Meia-noite, ouve-se o som da sineta.

Com a voz tranquila e serena o professor dá por encerrado o trabalho do dia, desejando a todos uma boa noite e que todos permaneçam na luz.

Em silêncio, uns foram para o repouso, outros, antes de dormir, foram degustar algo.

Mínimas conversas.

Acenos de até amanhã.

Manhã de sábado:

Às cinco horas começa a rotina.

Após o café da manhã, todos assumiram seus postos de trabalho.

Nove horas, na fonte, aos pés do monte, os vinte e um integrantes do grupo, quatorze homens e sete mulheres, que se lançaram à subida, estão aguardando os procedimentos para darem início aos seus trabalhos; dentre eles está Pedro e o casal que faz parte do seu grupo de estudo do qual Nina também participa.

Junto aos peregrinos estão os colaboradores e o professor é que passa as orientações.

Bela e Giri também se acercaram da fonte. Ambos sentiram a presença de Cema e Mima.

Na fonte, antes da oração a ser feita, o professor orienta os peregrinos, principalmente os que irão participar pela primeira vez, que, como se trata de um trabalho interior, cada um fará o seu. Os colaboradores estarão, em todo momento, para auxiliá-los e suprir as necessidades de água, agasalho, alimento e outras emergências. Compreende o trabalho da subida à montanha, a peregrinação desde a fonte Sant'Ana, seguindo pela trilha, passando pelas estações, até a tenda no topo da montanha. Todos terão o tempo até amanhã de manhã, sendo que, às 9:00h será feito o encerramento na fonte, sendo esta, ponto de

partida e chegada. A cada estação de difícil prova, aconselha-se aos peregrinos que bebam o chá para que seu trabalho saia a contento.

Feitas as considerações, o professor serve o “chá de luz” aos vinte e um peregrinos bem como a todos que irão auxiliá-lo a iniciar o trabalho.

Após a oração do Pai Nosso, bebem o chá; em seguida, uma das irmãs recolhe as taças.

Ouve-se apenas a voz do professor, que se mistura aos cantos dos pássaros, quando toca a água da fonte e em nome de todos agradece a oportunidade de estarem ali junto à natureza adquirindo forças para realizar o trabalho de lapidação interior. Serenamente, aos acordes da água, entoa uma linda canção à Senhora Luz “Sant’Ana”, inspirado, naquele momento, no amor divino.

Pouco a pouco, ouviam-se apenas os passos rumo à trilha.

A mochila nas costas, com todos os apetrechos, não pesava aos peregrinos que seguiam fortes no rumo certo.

Após um tempo de caminhada, os que iam chegando ao primeiro ponto de parada, estação, receberam as ferramentas e as instruções para utilizá-las, sendo que, de posse de uma espécie de espátula grande, cada um teria que limpar as pedras no entorno daquela estação, sabendo que cada peregrino deveria deixar ali toda sua preguiça, tibieza, ócio e vadiagem.

O trabalho parecia fácil. Alguns expressavam sinais de que estavam achando moleza e que, se continuasse assim, tirariam de letra. Mas, aos poucos, os colaboradores, instruídos que foram, insistiam para que os peregrinos limpassem muito bem o espaço determinado, quase que com as mãos, e os faziam repassar, caso o trabalho não ficasse de acordo.

Num determinado momento, Bela comenta com Giri que ouviu um dos peregrinos sussurrar a outro que iria pedir para seu “capanga” agachar-se para capinar caso não estivesse satisfeito e, Giri sorri ao dizer que talvez a expressão capanga deva ter saído junto ao desprendimento dos seus açoites.

Antes de passar para a tenda de descanso, um peregrino, que já havia terminado a tarefa, torceu o pé e não aguentando a dor, viu-se obrigado a desistir da sua caminhada; por sorte, foi socorrido por um ortopedista integrante do grupo de colaboradores e, quase que no mesmo instante a esse acontecimento,

uma peregrina feriu-se na mão ao assustar-se com uma cobra que disse ter visto enquanto limpava sua área; resolveu por si própria largar a trilha e voltar para seu acampamento para refazer-se do susto.

Referindo-se à cobra, Giri questiona Bela: será que não teria a moça visto sua própria sombra por entre as pedras? Bela diz para que Giri se contenha em suas graças e que leve a sério sua colaboração.

Seguem treze homens e seis mulheres.

Dispersos, uns descansam em locais apropriados, outros seguem para a segunda estação de difícil prova. Trata-se de uma tenda de tamanho razoável e em seu interior há seis cabines individuais. A medida que foram chegando, orientados pelo colaborador, iam se acomodando nas cabines e terminada a prova dava-se o lugar a outra pessoa até que todos pudessem fazê-la. Na prova, o peregrino teria que ficar pelo menos por 10 minutos diante de um espelho e buscar olhar para sua imagem e ter consigo mesmo uma conversa franca. Nessa conversa, indagar-se onde está sua cobiça, ou sua inveja e ter o valor de se enfrentar e ouvir sua própria resposta. Feito isso, pegar lápis e papel no interior da tenda e listar suas invejas e cobiças. Em seguida ao sair, queimá-la em um braseiro perto da tenda.

Quando estava para entrar na tenda, o celular de um dos peregrinos tocou ao som de uma musiquinha inconveniente. Atrapalhado, começou a fuçar na mochila, na entrada da tenda. Um dos colaboradores chamou-o de lado e perguntou se ele não havia sido informado de que, durante os trabalhos, seria aconselhável deixar o celular desligado ou na caixa postal. Ele insistiu em querer atender o celular e ficou preocupado porque não conseguia ouvir direito a ligação. Desestruturado, foi convidado a deixar a prova, sendo que, a esposa do tal peregrino, aborrecida com o acontecido, resolveu ficar ao lado do marido e desistiu de continuar na prova.

Bela, ao sussurrar “que fatalidade!”, recebe a explicação de Giri, que está próximo a ela. Diz que não, que o acaso ali não existiu e todos que ainda não estão preparados, por um motivo ou por outro deixarão a montanha.

Os demais, doze homens e cinco mulheres, seguiram adiante.

Houve um tempo para descontração silenciosa, pausa para lanche e após 15 minutos todos beberam o chá e mais acima alcançaram a terceira parada de difícil prova.

Essa terceira estação não é bem uma tenda. Foi escavado um tipo de gruta que passou a ser chamada de toca, toca do suor, pois, em seu interior existem duas lareiras que deixa o local como se fosse uma sauna, onde, os homens participam, separados das mulheres: ora entram os homens, ora as mulheres.

Para comportar esse número de pessoas dentro da oca, os participantes foram divididos em dois grupos de homens e um grupo de mulheres. Entrou primeiro o grupo de seis homens; quando saiu o último homem do grupo, entraram as cinco mulheres, e, por último, os outros seis homens do segundo grupo.

Além dos dois colaboradores que ficavam na entrada da oca, havia um que tinha a incumbência de observar o andamento e o estado físico dos participantes.

O tempo máximo e permitido para ficar dentro da oca era de dez minutos. Tempo suficiente para que cada um enxergasse seu orgulho e deixasse ali seus “apetrechos” de ostentações.

Fora da oca, Bela e Giri despenderam suas energias nos participantes e sentiram que Mima e Cema atuaram dentro da oca, dando sustentação energética aos que não recuam ante a batalha a ser enfrentada.

Embora hermética, do lado de fora, ouviam-se, dos irmãos à prova, rumores, lamentos e rangeres de dentes. Um teste que todos quiseram enfrentar.

Durante o teste, vários homens puseram-se nus e de joelhos choraram amargurados; dentre eles estava o conselheiro Pedro. Pelos seus rumores foi perceptível que provavelmente enxergaram suas ostentações e o quanto querem aparecer e impor respeito pelo cargo que ocupam ou pelas suas vestes: ternos, jalecos ou roupas de grifes. Sentiram quão mesquinhos e frágeis estão por trás das aparências. Antes de saírem, os colaboradores envolvem com mantas os despidos e os conduzem a uma tenda para vestirem-se.

Bela e Giri expressam alívios em ver que Pedro aguentou o tempo da prova e que saiu, embora nu, em condições de prosseguir na caminhada. Vestido, no tempo de recuperar energias, Pedro sente ser tocado por uma brisa. Bela pousa em seu ombro e tremula suas asas para energizá-lo e Giri contempla aquele quadro e sente-se feliz.

O grupo de mulheres entra para a toca, a amiga de Pedro também. Todas lutam para permanecer o tempo máximo, tempo para enxergarem e admitirem o orgulho que carregam. A amiga de Pedro arrancou o anel, presente de formatura dado pelo seu pai, e queria escondê-lo. Não suportou ver que o motivo que a levava a não tirá-lo do dedo, seria somente para exibi-lo, principalmente aos seus parentes, como um símbolo do diploma que conquistou e o mais ridículo: que nunca atuou na área em que se formou.

Ao deixarem a toca, as participantes buscaram um canto para que, isoladas, pudessem refletir sobre si mesmas. Enquanto isso, adentra à toca do suor o outro grupo, de seis homens, e nele se encontra o marido da amiga de Pedro.

Enquanto os peregrinos passam pelas provas, o grupo que não subiu a montanha fica enviando energias à montanha através de suas orações e mantras.

Terminada a prova, ainda nas imediações da toca, é tempo de juntar os cacos.

Cinco peregrinos, três homens e duas mulheres, sentem que não têm condições de continuarem e desistem, ficam por ali um bom tempo, acompanham apenas com os olhares e desejam boa sorte aos que seguiram.

Sabendo que os testes ainda não acabaram, os peregrinos lutam para chegar ao topo.

Ao passarem pela quarta estação, foram submetidos à psicologia prática. Foram instigados à ira por dois colaboradores treinados, que, dentre outras provocações, disse a todos que eles não tinham méritos e que se chegaram até ali foi por mero preparo físico, que estavam levando o trabalho como quem encara uma academia e que repensassem no assunto. Nesse momento deu abertura a que todos falassem, provocando uma discussão. Dois deles mais pareciam cães raivosos e com os nervos aflorados, um deles quis pegar um dos colaboradores pelo colarinho; enraivecido disse que largou sua família, sua casa, seus amigos para estar presente. Sob alegações que não é bobo, não é otário, moleque, não parava de vomitar seus defeitos até que foi se acalmando e disse: “-Estou fora, boa sorte, tchau!” E assim, os dois exaltados deixaram o local e pegaram a trilha para fazer o caminho de volta. O colaborador que os acompanhou presenciou uma cena lastimável. Ao descerem, a poucos metros dali, pararam para chorar. Choraram, chora-

ram muito, porque compreenderam o ocorrido e, sem esboçar uma palavra sequer, continuaram suas descidas.

Na estação, o clima era de comoção. Um peregrino declarou que o episódio o levou a vários momentos de sua vida e que em algum chegou a vias de fato. Pedro agradece a oportunidade de estar participando desse trabalho de conscientização e revelou que, nas estações, em cada irmão que saía, via sair seu espelho e que ele já foi, várias vezes, espelho de outros. Disse ainda que, os que compreendem suas saídas, voltam.

Seguiram. Breve, fizeram uma parada para o lanche; uma mesa farta de frutas silvestres e sucos naturais. Estavam quase chegando ao topo da montanha. Alumbrados contemplavam o clarão do sol que se escondeu no horizonte.

Giri e Bela relembram a copa da figueira e extasiados põem-se a brincar.

Em seguida, pouco acima da parada para o lanche, quando o dia já estava opaco, chegaram à quinta e à sexta estação, situadas próximas uma da outra, avareza e gula, quase que ligadas. Antes de adentrarem na quinta estação, da avareza, tiveram os peregrinos as instruções sobre suas atuações.

Frente a ela, um dos colaboradores sugeriu que todos abandonassem suas mochilas, e tudo que nela havia, colocando-as nos cabides ali expostos, destinados a esse procedimento.

Nesse momento, um dos peregrinos questiona e diz que, se tivesse sido avisado dos procedimentos, teria deixado sua carteira com o dinheiro e documentos no guarda-volumes da organização e não passaria pelo constrangimento de se indispor com os colaboradores. Uma das mulheres também resiste em deixar sua lanterna, alegando que teria medo, caso viesse a precisar dela durante a noite. Irredutíveis, acharam por bem passar a noite em terra plana.

E na sexta estação, da gula, desce montanha abaixo mais um dos peregrinos que se submeteu à prova, sendo que, o irmão, ao se despedir, disse em tom bem audível: -“Queridos irmãos, conscientizo-me de que o excesso das minhas alimentações daria para suprir uma família. Até que eu não desça para me redimir e quitar a minha gula, sinto que não estou em condições de me doar, pois, ainda estou a sugar energias; desejo, aos que seguem, muita luz.”

E assim, rumam à sétima estação cinco homens e duas mulheres. Dentre eles estão: Pedro e o casal que foi com ele ao evento.

A localização da sétima estação é num mirante junto ao topo da montanha. Nele, os sete peregrinos, cinco homens e duas mulheres, que resistiram à prova são orientados pelos colaboradores sobre o trabalho. Embora turvas, as visões alcançam o vale e todos contemplan a beleza revelada, mas, aos poucos, ouvindo a voz de um colaborador, ia clareando o quadro apresentado.

Com a ternura e os cuidados de um pai que orienta o filho sobre os perigos da vida, tem o colaborador a missão de orientar a cada peregrino sobre as responsabilidades que devam ter consigo mesmo. Antes de apontar o vale, fez com que cada um mirasse para seu interior ao dizer:

-Não se julguem importantes ou melhores que os demais que não cumpriram a prova. O fato de chegarem ao topo da montanha, não significa ter vencido seus inimigos internos, apenas tiveram a oportunidade de reconhecê-los; admitir que os tem é o primeiro passo que se deva dar para vencê-los.

-Convido a cada um para que contemple o vale; embora por ele esteja extasiado, não se iluda e arrisque-se interpretar o que compôs a natureza, colocando mais uma vez à prova sua vontade.

-Quando fiz a minha caminhada, disse o colaborador, recebi alguns toques que me serviram de aberturas e hoje sinto-me na obrigação de repassá-los.

-Vemos à nossa frente, no vale, dois lagos que estão separados por uma pequena vegetação: um à direita e outro à esquerda.

-Como se vê, o lago da direita é alimentado por vários rios, já o da esquerda se formou por nascentes de água do local.

-Imaginem que o lago da direita seja a representação da sétima estação, da luxúria, alimentada pelas seis estações por que passamos.

-Cabendo ao lago da esquerda a representação do nosso trabalho alimentado, tão única e exclusivamente, por nossa vontade.

-Com essa minha pequena contribuição, deixo-os no tempo para que reflitam e destemidos busquem enxergar, à direita, o caos por que passa nossa raça humana e não se eximam das culpas de suas contribuições derradeiras. Assumam seus erros e sintam-se responsáveis por eles, sobretudo mergulhem no lago da esquerda até atingir a nascente.

Nessa hora os peregrinos não desviavam os olhares do vale. Em plena reflexão ficaram até o cair da noite quando os lagos sumiram às suas visões.

Bem no topo da montanha, na cratera formada por um vulcão, os nobres peregrinos se acomodam junto a uma pequena fogueira acendida pelos colaboradores que os acompanhavam.

Em comunhão bebem o “chá de luz” e entregam-se ao silêncio acampados às alturas em suas redes. Não tardam a chegar até eles os sons de mantras vindos da terra plana, dos irmãos que nela ficaram para lhes dar suporte e sustentação ao trabalho. Cientes entoam mantras de agradecimento que se cruzam e resplandecem pelo universo, unindo-se às vibrações de Bela e Giri, também, às de Cema e Mima num espetáculo energético de longo alcance. Uma festa plena de almas. Uma alegria incontida.

Meia noite, os sons se calam e os peregrinos descansam até o clarear do dia.

5:00h da manhã de domingo.

Antes mesmo de ouvirem a sineta, todos já estavam prontos para iniciarem o caminho de volta.

Os colaboradores pedem ajuda aos peregrinos que pousaram na montanha para que, ao descerem, observassem se todos os locais das provas ficaram em ordem e, se houvesse algum pertence esquecido, que o entregasse ao verdadeiro dono.

Enquanto todos desciam, um colaborador ficou para apagar a fogueira.

Bela e Giri, felizes, descem nos ombros de Pedro e ouvem que ele comenta com o casal amigo sobre um breve sonho que teve no topo da montanha, e relata:-

-Meus pés estavam doendo muito, macerei uma erva que achei que seria bom e massageei-os com a pasta da erva macerada e em seguida acomodei-me para dormir, deitando-me decúbito dorsal, com os pés fora da cobertura. Passei por um sono leve. Num dado momento, senti aliviar as dores e, em meio, à sonolência comentei comigo mesmo que colhi a erva certa pra curar as dores. O fato é que eu senti um ventinho que passava por entre os dedos dos pés, como que se tivesse um leque abanando somente os pés. Não resistindo, abri minimamente os olhos e pude, por entre os cílios, ver um pequenino ser, que mais se parecia com uma libélula luminosa, que refrescava os meus pés com suas asas diluindo minhas dores. Antes que eu expressasse minha gratidão pelo

frescor que estava recebendo, aquele feixe de luz adiantou-se a ensinar-me que repassar, de alguma forma, a outrem o que estava recebendo seria a forma mais clara de demonstrar minha gratidão, e sumiu pela floresta deixando-me entregue ao meu sono reparador. Estou aqui, disposto e refeito, pronto pra luta.

Bela não se continha nas emoções. Giri ria muito.

Quando o grupo que passou a noite na montanha chegou à fonte, foi recebido por todos que estavam em terra plana. Foi uma recepção festiva de abraços e palavras emocionantes. Aos poucos foram se aquietando e puseram-se a ouvir o professor que parabenizou carinhosamente os cinco que cumpriram todas as etapas do trabalho.

Naquele clima de festa, o grupo não tinha notado a falta de um dos colaboradores até que ouviram um canto que vinha da montanha. Era a exaltação a todos os seres da terra feita pelo colaborador que trazia, empunhado, um lenho em brasa, retirado e mantido aceso ao apagar a fogueira do topo da montanha; o lenho em brasa simbolizava a tocha acesa. Cuidar e manusear com sabedoria o fogo sagrado que nos mantém vivos é o dever de todo atleta que se lança na busca do amor consciente, pelo caminho interior.

Ao chegar à fonte, onde todos estavam, o colaborador entrega o lenho, tocha acesa, ao irmão Pedro, representante de todos que se lançam à prova, e que, emocionado, expressa seus agradecimentos, entoando uma canção:-

*Lá no alto da montanha,
na cratera do vulcão,
como um pássaro sem asas,
na boca do tubarão.
Eu me senti tão pequeno,
o menor dos meus irmãos,
mas lembrei-me de Sant'Ana,
que nesta fonte me ensinou,
ver que a linha do horizonte,
é igual a linha do meu coração.
Lá, o sol cruza-se com a terra,
aqui, o sol é a vontade*

*que deve prevalecer,
cruzando-se com a força e a coragem
na minha caminhada sem fim,
por mares e terras longínquas
o amor irá dentro de mim.*

Agradecendo a todos pelas vibrações recebidas, Pedro leva o lenho em brasa e o coloca junto à fogueira que ainda se mantém acesa.

Felizes, todos fizeram a oração do Pai Nosso na mais pura reflexão.

À mesa, num sortido café da manhã, todos se deliciaram em plena descontração e alegria.

Em seguida, todos se reuniram perto da fogueira e ao contemplar a beleza das cachoeiras ouviram as últimas considerações feitas pelo professor que dirigiu o evento.

O professor agradeceu a presença e a colaboração de todos e pediu para que se tornassem pilares de apoio e sustentação ao movimento do trabalho de conscientização, montando grupos de estudos e práticas, para que mais pessoas possam realizar o caminho da busca interior.

Dirigindo-se especificamente aos que não chegaram ao topo da montanha, falou sobre a esperança. Com muito zelo, disse que tudo pode ser perdido. Pode-se perder o tempo, um objeto, explicações etc. O que não pode ser perdido é a esperança. Com ela se recupera o que se perdeu e lhes disse: -Agarre-se na esperança e tenha o valor de se enfrentar.

Como prêmio, coube aos cinco que ficaram até o final, o reconhecimento sobre suas responsabilidades, visto que, ao enxergarem seus defeitos, sabem que a batalha se tornou mais árdua.

O professor pediu para que, após o almoço de encerramento, todos ajudassem na retirada dos equipamentos e materiais entregando à natureza o local nas condições que o encontraram.

E assim foi realizado.

Todos se abraçam desejando luz, paz e amor.

Giri e Bela não são dados a despedidas. Zarparam dali e rumaram à copa da figueira.

No caminho ambos brincavam e cantarolavam até que Giri comenta sobre as presenças que sentiram de Cema e Mima e, antes que continuasse a falar, Bela captou as tristezas de Giri e expôs sobre a necessidade de exercer o desapego, quando referiu ao destino de Mima, argumentando que acompanharam a passagem de Cema, e de Mima, alimentavam a ilusão de que a mesma poderia, ainda, estar no plano físico, visto que não sabiam do seu paradeiro.

Giri, acometido de profunda dor, desabafa: -Nascemos para servir.

Na copa da figueira os dois aventureiros matam as saudades. Passam a noite na mais pura nostalgia.

Na manhã seguinte, antes do sol nascer, Bela olha para o amigo Giri que ainda dorme e sem despedidas sai, voa rápido e não se dá ao choro. Vai para o grotão, e, na sombra da bromélia, sente-se pronta. O tempo se expira e o sol já alumia suas asas sedentas por alcançarem lagos e tocarem os cururus na lagoa. Aprumam-se para voar. Então, a força que age em todo ser vivente ordena: -Voa minha Bela, minha Libélula.

Giri-cururu acorda mais tarde, como quem está atrasado; corre apressado para a toca, nem percebeu que Bela já havia partido. Na toca, o pequeno se transforma e deixa de ser girino. Nas noites de luar, o pequeno canta para a amada e o avental cheio de estrelas o sustenta nas folhagens.

O tempo passou.

Na fazenda muita coisa mudou.

A velha porteira não mais existe. Na entrada foi construída uma guarita e, para se adentrar à fazenda, faz-se necessário apresentar um documento de identificação.

Numa sexta feira, fim de tarde, chegou à guarita um senhor idoso que, com certa estranheza, ao se identificar, perguntou ao guarda da guarita se a fazenda era a mesma que ele estava buscando; apesar do tempo ter passado, acreditava não ter errado o local.

O guarda da guarita, também idoso, reconheceu-o e como já estava na hora de fazer a troca da vigília, pediu que o senhor aguardasse, pois, o colega de turno já estava chegando. Feita a troca, o guarda convidou o senhor idoso para visitar a fazenda; este aceitou. O senhor foi logo perguntando se a fazenda tinha outro dono e o guarda respondeu que sim. “Um grupo de empresários a comprou e está transformando-a em várias atividades; inclusive, conta com uma escola agrícola instalada na fazenda e seria interessante conhecê-la.” Intrigado com a recepção e a forma como o tratava, parecendo serem conhecidos, o senhor perguntou ao guarda de onde se conheciam e o guarda, sem vacilar, respondeu-lhe:

“-Como poderia eu me esquecer? O senhor esteve no enterro da minha filha Iracema. Não seria o senhor o vendedor de insumos que, vez ou outra, passava por aqui e que, numa de suas passagens, coincidiu haver falecido o meu bebê?”

De repente, aclarou a memória daquele senhor que se lembrou do pai da Cema; a partir de então, sentiu-se mais à vontade e perguntou sobre os antigos patrões e, para ganhar todo o relato, convidou o pai da Cema para uma cervejinha, visto que, apesar de tantas mudanças, o bar ainda existia.

À vontade, no ambiente do bar, o pai da Cema relata com detalhes o que aconteceu nesses anos que se passaram:

“-Pouco tempo depois do falecimento da minha filha, os meus antigos patrões também perderam seus filhos em um acidente de avião. Ambos estavam vindo para passar as férias na fazenda e aconteceu a desgraça. Aborrecidos, os pais entraram num processo de tristeza profunda. Desmotivados, resolveram vender a fazenda. Pagaram os direitos dos trabalhadores da fazenda e poucos se adequaram à nova administração. Eu não quis sair daqui. Separei-me da minha esposa e ela mudou-se, com meu filho, para uma cidadezinha perto daqui; meu filho estuda e ela trabalha. Às vezes meu filho passa o fim de semana comigo.

-A família de empregados que trabalhava na casa dos patrões mudou-se pra bem longe daqui. O que todos nós ficamos sabendo é que a filha do casal, a danadinha, casou-se com o sobrinho do patrão. Creio que isso fez com que agravasse o estado depressivo do velho que, não demorou muito, veio a falecer. Sei que a patroa está em um abrigo na mesma cidade onde reside minha ex-mulher.”

Mal terminou de completar a frase, o antigo vendedor de insumos, fechou a conta do bar, deixando mais duas cervejas pagas, e saiu apressadamente, sem disfarçar o interesse pelo que queria ouvir. Com uma rápida despedida, deixou o pai de Cema com o velho amigo, dono do bar, no recheio da fofoca.

Despeitado, por não ter conseguido falar ao visitante sobre suas atuações no programa cultural da fazenda, o pai de Cema embrenhou-se na bebida, cortesia do amigo. Nem por isso, deixou de exercitar seu orgulho e mais uma vez contou com a paciência do amigo do bar que o ouviu falar sobre sua ocupação, além de guarda na guarita, de contador de histórias da fazenda.

O grupo de empresários desenvolveu na fazenda um trabalho de turismo voltado a despertar nas crianças e nos adolescentes de escolas públicas o interesse pela agricultura e pecuária, além de proporcionar, junto à natureza, o entretenimento e conhecimentos da vida no campo. Ao pai da Cema, por ser um empregado e morador antigo da fazenda e conhecer cada canto nela preservado, e também pelo jeito extrovertido e, por vezes, engraçado de falar, foi lhe oferecida, e aceitou, a ocupação, extra, de guia, com a finalidade de levar e contar a história da fazenda aos visitantes. Falante e orgulhoso, atua com esmero no trabalho que lhe foi confiado. Passou a ser respeitado e conhecido; chamado por todas as pessoas, inclusive pelos amigos, de Velho Guia, atendia com satisfação aos chamados e, aos poucos, ninguém mais o chamava pelos apelidos pejorativos oriundos das farras e bebedeiras.

Num fim de tarde, véspera da chegada de um grupo de estudantes à fazenda, passou pelo bar do amigo aquele que iria pedir um só trago apenas para arrebatar o guarda e dar lugar ao guia que na manhã seguinte iria atuar. Ao ver o copo ao alto, o dono do bar entendeu que, naquele momento, estava acontecendo a troca de personagens; o guarda estava cedendo seu lugar ao guia, e não se atreveu a oferecer mais um aguardente. Com um aceno, o guia se despede e vai para casa colocar os apetrechos na mochila que iria utilizar no dia seguinte.

Acordou bem cedo, tomou banho, barbeou-se e, perfumado, o guia está pronto para atuar.

Toma o café da manhã junto com os alunos no refeitório que era a cocheira onde nasceu Mima e onde recebeu a carta que carrega em seus apetrechos. O lugar não poderia ser outro para o início de sua atuação.

Terminado o farto café da manhã, reúne todos os alunos e, após os cum-

primentos, fala um pouquinho de sua vida. Diz que nasceu e viveu na fazenda; que se casou; separou-se e tem um filho que também é estudante; que se sente feliz em poder compartilhar sua experiência da vida no campo e reportar a história da fazenda aos participantes.

Inicia seu trabalho falando do local do refeitório que antigamente era uma cocheira e que o último nascimento ali acontecido foi de uma bezerinha que recebeu o nome de Mima, por ser tão mimosa. Com os olhos lacrimejantes conta que, quando ele ia fazer a ordenha, Mima, carinhosamente, lambia suas mãos. E segue dizendo que numa fria manhã, após a noite torrencial, agasalhou-se e foi para a ordenha. Ao chegar encontrou a mãe de Mima sozinha; naquele instante, largou o balde e chorou, questionou aos céus o porquê de caber a ele tanta dor.

Quebrando as tristes lembranças, fez uma brincadeira com os alunos e convidou-os a segui-lo.

Sentados à beira do lago, ouviram atentamente sobre o trabalho de piscicultura que está sendo desenvolvido e as histórias de pescadores, algumas reais. Dentre elas, a dos dois moleques que moravam na fazenda e judiavam dos animais, principalmente de um cão que era dócil. A história dos moleques termina no dia em que um deles inventou de pescar à noite, sozinho na lagoa, e foi atacado por um bicho tendo que ir parar no hospital. Muitos detalhes são suprimidos para não impactar os estudantes.

Passaram pelos jardins das belas flores. Os estudantes maravilhados se portavam educadamente e seguiam o carismático guia.

Em um dos pontos do passeio mostrou as casas da colônia, a maioria desocupada, onde moravam as famílias dos trabalhadores da fazenda, e, parando frente a uma delas, disse:

-Esta é a minha casa; hoje, moro sozinho; aqui, vivi com minha família e nela tive bons e angustiosos momentos. A maior das agruras foi a perda da minha filha que estaria na mesma faixa etária de vocês. Olhar para as meninas é imaginar como estaria minha filha; o meu alento vem de vocês.

Em seguida o grupo dirigiu-se para a sede, casa dos patrões. Criaram-se expectativas, pois os móveis foram todos conservados e tudo estava como era antigamente. Os alunos imaginavam-se vivendo à época. Na

hora de servir o lanche havia uma disputa para ocupar o lugar à mesa dos patrões. Uma vivência cheia de emoções.

Após o lanche, todos foram ao campo de futebol, o mesmo dos campeonatos e partidas entre times das fazendas vizinhas. No campo, o guia garganteou, espalhou suas lorotas, desfilou suas partidas invictas, respondeu às inúmeras perguntas dos alunos. Segundo suas respostas, foi de tudo um pouco: juiz, bandeirinha, técnico e como jogador, foi titular do time vencedor de vários campeonatos. Quando um dos garotos pediu pra ver os troféus, ele saiu dessa com categoria; alegou que a ex-mulher, na mudança, carregou-os, por isso não tinha como mostrá-los. Liberou os alunos à prática de esportes, podendo utilizar outras quadras construídas, até a hora do almoço.

O almoço foi servido no mesmo refeitório do café da manhã.

À tarde, após a sesta, o guia reúne todos os estudantes e juntos seguem a trilha até a figueira frondosa e lá, todos se assentam e contemplam a beleza do lugar enquanto ouvem algo que fará parte das lembranças que terão da fazenda.

Aquele momento, para o guia, é muito especial. Sente no peito a dor da saudade, no coração o pulsar do seu amor, e, da mente, resgata as lembranças ao dizer:

“-Hoje, vocês tiveram o privilégio de poder vivenciar algo diferente do que se passa no dia a dia de cada um. Puderam aprender e estar em contato com a natureza. Viram que a vida simples do campo traz, também, felicidade. Além de lazer, vocês aprenderam muito. Gostaria de encerrar este nosso encontro com uma pequena reflexão e para entendê-la, peço que olhem ao redor desta figueira e percebam que o espaço compreendido nos limites de nossa visão é redondo. Vamos utilizar a nossa imaginação e tentar transportar o campo de futebol da fazenda para cá, aumentando-o de tamanho até que se encaixe dentro dos limites de nossa visão. Saibam que, em cada canto deste quadrante, onde agora, no centro dele, nos encontramos, existe um ser de luz que viveu por aqui. Um dos seres é a libélula que dava um baile nas crianças que tentavam agarrá-la; pairava por entre os adultos, nos momentos difíceis, minimizando suas tristezas e agora está, energeticamente em um vértice do quadrante, com o repique de suas asas, vibrando e emanando energias positivas ao nosso favor. Em outro vértice está a energia de Mima, a vaquinha mimosa. Noutra está a energia de Giri, um ser que pertence a uma espécie que alumbra a terra nas noi-

tes de luar, e por fim, está a energia de minha Iracema que se foi, deste mundo, pra que eu mude, até que um dia eu me sinta em condições de estar junto a ela. As energias que partem dos cantos que compõem o campo juntam-se num ponto único acima desta figueira tornando-a frondosa e especial. Há pessoas que aqui vêm para recarregar suas energias, outras vêm em busca de alento. Enfim, só estando aqui para entender e sentir o quão aprazível é este lugar.

-No frescor da sombra desta figueira frondosa, despeço-me pedindo a todos que amem seus pais, seus irmãos e amigos; que não provoquem dissabores, como eu provoquei, para que não venham a sofrer a reação da má ação e saibam que, às vezes, é preciso perder para ganhar, mas, que essa perda não se atribua a alguém. Que vocês não precisem passar pela dor da perda de alguém querido para trilhar o caminho do bem.

-Por fim, quero entregar a todos, como lembrança, um pequeno presente e pedir que o utilizem, como um marcador de livros, no livro de suas histórias. É um trevo de quatro folhas, e, cada folha representa um canto do campo e, em cada canto, está um ser de luz. Os quatro juntar-se-ão para iluminar suas vidas. Também quero desejar que todos sigam na luz, na paz e no amor.”

Com essas palavras, o guia se despede do grupo de estudantes e ao contemplar a paisagem, através da sua imaginação, visualiza os quatro seres de luz brincando na copa da figueira frondosa. Solitário e saudoso, deixa o local ciente da missão cumprida.

